

Ministério

Maio-Junho de 2008

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Casa Editora Brasileira

- BIBLIOTECA -



O pastor e o poder

Saiba que tipo de líder você é

Partilhando esperança

Igreja da América do Sul
é mobilizada para
o evangelismo

“Onde está o Cordeiro?”

As pessoas necessitam ver algo mais,
além do fogo e da madeira, no púlpito



Willie E. Hucks II

Editor associado
de Ministry

O getsêmani do pastor

Assim está escrito em Mateus 26:36, 38: “Em seguida, foi Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani e disse a Seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto Eu vou ali orar; ... Então, lhes disse: A Minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo.”

A vida de Cristo foi consumida em ministrar às pessoas. Multidões esperançosas O procuravam em busca de ajuda, socorro e bênçãos, mantendo-O tão ocupado que Ele não tinha tempo para Si mesmo.

Jesus era Deus, mas também era homem. Nessa condição, experimentou toda a extensão das emoções humanas – do jovial deleite, enquanto interagia com as criancinhas, à intensa tristeza diante da falta de fé demonstrada por Seus discípulos.

Assim como nós, o Mestre tinha que administrar tais emoções de modo construtivo. Tendemos a exaltá-Lo como super-homem que nunca Se viu frente ao desencorajamento, que podia erguer-Se automaticamente e permanecer de pé, sem o menor sinal de inquietação. O Getsêmani, entretanto, apresenta um quadro de Jesus, mostrando-O como o homem que verdadeiramente Ele era. Ali, nós O vemos esmagado pela tristeza. A expressão grega utilizada no texto, *perilupos*, significa “profundamente triste”. E, no verso 39, Ele orou: “Meu Pai, se possível, passe de Mim este cálice”, indicando o desejo de Sua humanidade, no sentido de ser poupado daquela situação.

Aqui, vemos o Salvador no ponto mais baixo de Sua experiência humana. A quem podia Jesus Se voltar nesse momento? A Seus discípulos? Eles O tinham abandonado mais de uma vez. Jesus ministrou a todas as pessoas que O procuravam. Mas, quão freqüentemente outros ministraram a Ele?

Fora das luzes brilhantes do púlpito, pastores fiéis envolvem-se em muitas atividades: aconselhamento a adultos e jovens, realização e coordenação do evangelismo, assistência à escola paroquial e outros afazeres. Se alguém se desse ao trabalho de contabilizar as horas investidas pelo pastor em seu trabalho, veria claramente que ele tem tempo para tudo e todos, sobrando-lhe pouquíssimo tempo para si e sua família. E também dispõe de pouco tempo para sua nutrição espiritual e seu condicionamento físico.

Acrescente-se a isso a realidade de que ele é extremamente solitário. A quem pode o pastor recorrer em tempos de crise? Somente outro pastor, envolvido diariamente com as lides congregacionais, pode compreender as frustrações e dores de cabeça de um colega. Mas, os pastores estão sempre muito ocupados em cuidar do rebanho, para dedicar tempo a um companheiro. Independentemente de isso ser correto ou errado, não raro, eles sentem que devem manter certa distância da irmandade.

A quem deve o pastor recorrer? Podem os membros da igreja desempenhar algum papel no atendimento ao pastor, que tanto lhes dá sem a garantia de receber algo em troca?


A resposta reside no nosso texto bíblico inicial. Tudo o que Jesus buscava era a companhia de Seus discípulos.

Para Ele, teria sido o maior conforto saber que Seus seguidores estavam solidários com Ele, partilhando as mesmas preocupações.

Não raro, eu costumava ouvir algum membro em minhas igrejas, dizendo: “Pastor, estou orando por você.” E isso sempre me animava, especialmente quando eu mais necessitava de oração. Entretanto, algo muito mais poderoso que o conhecimento de que alguém orava por mim era ouvir: “Pastor, não vim em busca de ajuda. Apenas me lembrei de você, e resolvi procurá-lo

para orarmos juntos.”

Sabendo que todo mundo vive ocupado com seus negócios particulares e trabalho, é uma bênção para qualquer pastor quando alguém o procura, não apenas para pedir oração, mas para orar com ele. Quer os membros da igreja compreendam ou não, todo pastor luta com o pecado e as tentações. Também carregamos os fardos da nossa vocação. Cada um de nós enfrenta seu próprio Getsêmani – aqueles momentos de angústia intensa, em que desejamos que Deus alivie, ou remova definitivamente, os desafios e provas.

E, embora nossos irmãos orem por nós, bênção maior ainda é saber que outros colegas fazem o mesmo. Afinal, quem, além de nós mesmos, pode melhor conhecer as batalhas espirituais, o estresse familiar, os desafios pastorais que enfrentamos? Lembremo-nos sempre uns dos outros em nossas orações, enquanto cada um caminha através de seu Getsêmani. 

*“Todos nós
enfrentamos momentos
em que desejamos
que Deus remova os
desafios e provas”*



Cristo no púlpito

A pregação é um dos mais sagrados deveres do pastor. Ser alguém chamado por Deus para proclamar Sua verdade salvadora em Cristo Jesus é um privilégio incomparável. Um privilégio que, muito frequentemente, não é reconhecido e na maioria das vezes é desperdiçado. Pregar é um trabalho divino; está vinculado à missão da igreja. É a oportunidade para que a graça e o poder divinos toquem vidas, infundindo-lhes esperança, oferecendo-lhes salvação e transformação.

Na solução encontrada para um dos primeiros impasses ocorridos na igreja cristã primitiva, ficou evidenciada a prioridade que deve ser dada à pregação, especialmente no contexto do trabalho pastoral. Juntamente com a escolha dos diáconos “para servir às mesas”, cuidando do trabalho assistencial aos doentes e necessitados, indispensável numa comunidade cristã, a definição veio clara: “E quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra” (At 6:4).

Nenhuma ênfase dada a qualquer outra coisa deveria deslustrar a importância da pregação. Aliás, André Blackwood opina no sentido de que ela “deveria ser considerada a mais nobre tarefa que existe na Terra. Aquela que é chamado por Deus para proclamar o evangelho deveria destacar-se como o homem mais importante na sua comunidade, e tudo quanto fizesse para Cristo e para a igreja deveria manifestar-se na sua pregação. No púlpito, ele deverá fazer muito do seu melhor trabalho

para o tempo e para a eternidade. Em geral, devemos empregar nossos superlativos parcimoniosamente, mas não quando falamos da obra do pregador”.

A pregação tem como objetivo erguer a alma humana e levá-la à presença de Deus, possibilitando um encontro que salva, fortalece, renova e transforma. Evidentemente, o pregador, com seu preparo esmerado e entusiasmo contagiante exerce papel importante nesse processo. Contudo, de nada adiantarão seus esforços, caso sejam empregados à parte da exaltação de Cristo Jesus. Ele deve ser o centro de todo sermão. Nosso dever e responsabilidade, mais que nosso privilégio, é erguê-Lo diante do povo, torná-Lo grande nos corações e mentes. Sem Ele, não há salvação. Ele é o caminho único para Deus. Não existem alternativas. Como Pedro afirmou, “não há salvação em nenhum outro” (At 4:12).

“O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que irradia da cruz do Calvário. Apresto-lhes o grande, magno monumento de misericórdia e regeneração, salvação e redenção: o Filho de Deus erguido na cruz. Esse tem de ser o fundamento de toda pregação feita por nossos pastores” (*Obreiros Evangélicos*, p. 315).

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 79 – Número 03 – maio/junho 2008
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Marcos S. Santos
Capa: Ilustração de Thiago Lobo

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Edson Erthal de Medeiros
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Colaboradores Especiais:

Ranieri B. Sales; James Cress; Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Edilson Valiante; Montano de Barros Netto
José Soares da Silva Jr.; Horacio Cairus;
Francisco Carlos Bussons da Silva;
Ivanaudo Barbosa de Oliveira; Valdilho Quadrado;
Samuel Jara; Patricio Barahona; Ivancy Araujo;
Edwin Regalado Lozano; Feliz Santamaria

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

LIGUE GRÁTIS: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br / E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Tiragem: 5.500 exemplares

5935/18945

Assinatura: R\$ 44,00

Exemplar Avulso: R\$ 9,20



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – Km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

- 9 DEUS E A NATUREZA**
Desígnio inteligente é a explicação mais viável para a origem da vida.
- 13 O PASTOR E O PODER**
Características que dão legitimidade ao líder cristão.
- 16 CRISTO NA EPÍSTOLA DE PALHA**
As lições que podemos aprender sobre Jesus na carta de Tiago.
- 17 “ONDE ESTÁ O CORDEIRO?”**
Essa é uma interrogação válida também para o púlpito nos dias de hoje.
- 21 PARTILHANDO ESPERANÇA**
Um projeto de evangelismo para a igreja adventista sul-americana.
- 23 RESPEITE SEUS LIMITES**
Como ser um pastor diligente e produtivo, sem comprometer a saúde.
- 25 A PROFETISA E SUAS FONTES**
Uma resposta à acusação de plágio feita contra Ellen G. White.
- 29 CHAMADO PARA SER ADMINISTRADOR**
Pastor se descobre vocacionado para o ministério administrativo da igreja.
- 31 TEMPO PARA RECOMEÇAR**
Testemunho de um pastor sobre a experiência da jubilação.

“Pregue Cristo hoje e sempre, apresentando o desafio de Seu convite imperial. Algumas vontades serão assustadas, outras ficarão ofendidas, e outras se curvarão reverentes a Seus pés.” – James Stewart

Seções

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Erramos

No artigo “A Trindade e o adventismo”, da edição anterior desta revista, no segundo parágrafo à página 20, aparece a seguinte declaração: “Na opinião de Allaback, o fato de que a sentença no livro *Evangelismo* começa no meio da citação original, e a vírgula depois de ‘terrenos’ é substituída por um período, muda o significado da declaração.” De fato, a afirmação correta é: “Na opinião de Allaback, o fato de que a sentença no livro *Evangelismo* começa no meio da citação original, e a vírgula depois de ‘terrenos’ é substituída por um ponto, muda o significado da declaração.” Agradecemos a compreensão dos leitores.

Por terra não semeada

“Já passei por muitas enfermidades e me senti perto da morte. Porém, experiências assim contribuem para fortalecer o relacionamento com o Senhor”

por Sharon Cress

Em meio a incertezas decorrentes de uma grave doença à qual sobreviveu na infância, a professora Kari Paulsen encontrou Cristo e O aceitou como Salvador pessoal. As provas não cessaram, mas ela recebeu dEle a força necessária para continuar a jornada, deixando que o Senhor des-cortinasse pouco a pouco o bom plano que estabeleceu para sua vida.

Em um colégio adventista na Dinamarca, onde também se graduou em Teologia, Kari conheceu o então estudante Jan Paulsen e com ele se casou. Hoje, Paulsen é presidente mundial da Igreja Adventista. Juntos, serviram no pastorado de igrejas, campo missionário e na área educacional. A feliz união conjugal lhes deu três filhos: Laila, Jan Rune e Rein Andre.

Nesta entrevista, concedida a Sharon Cress, coordenadora internacional da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam, a professora Kari Paulsen conta sua “aventura designada por Deus” e, com a visão de esposa de pastor, transmite valiosos conceitos sobre a vida pastoral.

Ministério: Ao refletir sobre as várias atividades desempenhadas pela senhora e seu esposo, acredita ter sido este o percurso que a senhora imaginou para sua vida?

Kari: Bem, tem sido uma jornada com algumas mudanças repentinas, um caminho que não podíamos prever cinquenta anos atrás, quando iniciamos. Sabe, algumas vezes tenho pensado nas palavras do profeta: “Lembro-Me de ti, da tua afeição quando eras jovem e do teu amor, quando noiva e de como Me seguias no deserto, numa terra em que não se semeia” (Jr 2:2). Este é o sentimento: de que fomos guiados através de caminhos desconhecidos, numa aventura designada por Deus. Jan e eu nascemos na Noruega, meus irmãos e eu crescemos em uma comunidade rural, onde todos se conheciam. A Noruega é um belo país, com montanhas, lagos, golfos, longos invernos, curtos verões e o sol da meia-noite. Em minha infância, presenciei duas guerras mundiais.

Ministério: Deve ter sido uma experiência difícil, não?

Kari: É uma longa história e tem

que ver com minha conversão. Nessa época, adoeci gravemente e minha mãe me levou a um cardiologista. Depois de muitos exames, verificou-se que eu tinha nascido com um defeito no coração. O médico disse que provavelmente eu não viveria além da puberdade. Meus pais não me disseram nada, mas falaram aos vizinhos, que falaram para suas crianças. Então, quando brincávamos, elas me diziam: “Você vai morrer”, e eu respondia: “Todos vão morrer”. As crianças insistiam: “Mas, você pode morrer amanhã”. Eu sentia muito medo. Meus pais eram como a maioria dos noruegueses: iam à igreja em dias de batismo, crisma, casamento e funeral. Tudo o que eu sabia sobre a morte era o sepultamento no chão, sob mármore frios, e eu não queria morrer.

Ministério: Não havia solução para seu problema?

Kari: Os médicos disseram que, com uma cirurgia, eu tinha 50% de chances de sobreviver, e meus pais decidiram arriscar. Foi a primeira cirurgia cardíaca na Noruega e muitos outros médicos



foram assisti-la para aprender o processo. A cirurgia foi bem-sucedida, mas surgiu uma infecção. Naquele tempo, a penicilina era novidade e não era facilmente encontrada. Mas, havia no hospital dois soldados americanos internados, que ouviram sobre meu caso e providenciaram a penicilina para mim. Depois da cirurgia, pensei que ainda corria risco de morte, porque sentia algo como um peso sobre o tórax, dificultando a respiração. Então, falei a Deus que, se Ele me permitisse viver, eu me tornaria cristã, embora não tivesse a menor idéia de como faria isso.

*“É importante
que a esposa do pastor
defina seus limites.
Ela não foi dotada
para fazer tudo”*

Ministério: *Como tudo aconteceu, então?*

Kari: Eu tinha treze anos e me preparava para a crisma. Ia à igreja semanalmente, memorizava o catecismo e aprendia hinos. Lembrando-me da minha promessa de ser cristã, comecei a estudar a Bíblia e algumas coisas me perturbaram. Achei estranha a idéia de guardar o sábado, e perguntei ao instrutor a respeito disso. Ele me disse que nossa igreja guardava o domingo por causa da ressurreição de Cristo; mas eu fiz outras perguntas e ele me aconselhou a não me preocupar, afinal, outros líderes estudaram hebraico e grego, e sabiam o que estavam nos orientando. Eu ficava cada vez mais confusa. Os pensamentos já não se harmonizavam em minha mente. No domingo, antes da crisma, decidi não participar da primeira comunhão. Falei isso para nosso ministro, mas ele me obrigou a participar. Aos quinze anos, eu gostava muito de dançar. Um dia, planejei ir a uma festinha num local em que moravam algumas tias. Uma delas era adventista, mas não tínhamos muito contato. No dia seguinte, resolvi lhe fazer uma

visita. Perto de sua casa, vi um grupo de pessoas tocando guitarras e cantando. Eram alguns adventistas. Parei, um casal deu-me boas-vindas, perguntou-me se eu gostava de ler e me ofereceu o livro *Caminho a Cristo*. Eu o li, mas achei tudo bom demais para ser verdadeiro. “Não pode ser tão fácil assim”, pensava eu. Porém, li outros livros, recebi estudos bíblicos e aceitei as verdades ensinadas.

Ministério: *Qual foi a reação dos seus pais?*

Kari: Lembro-me de que, durante a ceia natalina, me recusei a comer porco, meu pai ficou muito furioso e ordenou que eu saísse de casa. Fui para a casa de uma tia, até que pudesse cursar o Ensino Médio. Meu tio era engenheiro numa companhia de trem e passava a semana fora de casa, voltando apenas nos fins de semana. Quando estava fora de casa, ele passou a freqüentar reuniões adventistas e nos trouxe a mensagem do sábado. Passamos a observá-lo e, finalmente, fomos batizados os três num mesmo dia. A outra tia que já era adventista esteve presente e ficou muito feliz em poder ver a resposta às orações que fez durante muitos anos. A essa altura, eu estava com dezessete anos. Depois de batizada, fui para nosso colégio na Dinamarca. Foi nesse colégio que conheci meu esposo.

Ministério: *Havia outras mulheres estudando teologia naquele colégio?*

Kari: Não muitas. Na realidade, havia só mais uma. Cheguei duas semanas depois do início das aulas, e tudo para mim era muito diferente na Dinamarca. Nas aulas de profetas do Antigo Testamento, eu quase não compreendia uma palavra sequer do que o professor dizia. Tudo parecia estar relacionado a algum rei que reinou em tal época. Quando percebeu minha perplexidade, Jan se aproximou de mim e disse: “Não se preocupe. Depois, explicarei tudo para você.” Felizmente, eu era boa estudante, mas tinha que estudar muito mais ainda. Procurava sempre manter minhas notas altas, e ficava feliz com isso. Algumas vezes, Jan e eu realizávamos longas caminhadas. Nessas ocasiões, conversávamos sobre os assuntos estudados na aula.

Ministério: *Foi amor à primeira vista?*

Kari: Não. Até então, éramos real-

mente apenas bons amigos. Aparentemente, gostávamos das mesmas coisas, mas tudo não passava de amizade. Só nos ocupávamos em comentar os assuntos discutidos em classe.

Ministério: *Depois que a amizade progrediu para o amor, como reagiram seus pais, sabendo que a senhora ia se casar com um homem que seria pastor adventista do sétimo dia?*

Kari: Inicialmente, eles não gostaram da notícia. Levou tempo, mas depois eles tanto aceitaram a nossa fé, como também passaram a apreciar muito a Jan. Os pais dele também me aceitaram. Eles formavam uma família cristã muito feliz e eu me sentia muito bem aceita entre eles.

Ministério: *Depois da graduação, quais foram os passos dados na causa de Deus?*

Kari: Assim que nos formamos, iniciamos nossas atividades, trabalhando separadamente: Jan, como aspirante ao ministério, no sudoeste da Noruega, e eu, como professora de Educação Religiosa e instrutora bíblica, na região nordeste. Depois de um ano, nos casamos e colportamos durante cinco semanas, para que Jan pudesse vir para a América. Chegamos, então, à Universidade Andrews e, terminado nosso período de estudos, voltamos para trabalhar na Noruega, mas recebemos um chamado para Bekway, Gana, onde permanecemos por dois anos. Em seguida, fomos para nosso colégio na Nigéria, onde Jan desempenhou a função de secretário e diretor do Departamento de Religião. Depois, tornou-se diretor do colégio. Posteriormente, trabalhamos dois anos no Newbold College, Inglaterra, onde ele novamente liderou o Departamento de Religião e também se tornou diretor do colégio. Então, nos dirigimos para a Alemanha, para que ele pudesse terminar seu doutorado.

Ministério: *A senhora já passou pelos estágios de esposa de seminarista, pastor, missionário, professor e administrador. Alguma dessas funções lhe tem sido mais fácil que as outras? Quais são os benefícios e desafios de cada uma delas?*

Kari: Acho que tudo foi algo como um desenvolvimento natural. Simplesmente, demos um passo de cada vez. Quando deixamos o Newbold, uma enfermidade que contraí na África tinha se tornado crônica e eu estava

muito doente. Não podia fazer muito, de modo que me senti um pouco isolada, mas procurei tirar proveito da situação. Pensei que devia haver pessoas que talvez estivessem se sentindo solitárias, quem sabe, tinham perdido um ente querido, ou estavam desanimadas por alguma razão. Eu sabia que, em algum lugar, alguém estava necessitando de apoio, uma palavra de ânimo, querendo ser ouvido. Imaginei que poderia desenvolver um ministério em favor dessas pessoas. Tomei a lista telefônica e comecei a fazer ligações. Isso foi uma bênção para mim. Ainda hoje, sinto que é algo muito importante a ser feito. Sempre há pessoas que desejam ou precisam ser ouvidas.

Ministério: *Como esposa de pastor, a senhora sempre soube que as pessoas esperavam muito da senhora, no desempenho dos diferentes papéis que mencionamos. O que achava disso?*

Kari: Achava e acho que é muito importante que a esposa do pastor defina seus próprios limites. Existem algumas áreas em que você pode receber treinamento e se desenvolver gradualmente. Porém, todas nós temos nossos talentos individuais. Deus não concedeu todos os dons a todas as pessoas. Observe o que acontece no mundo natural: um dente-de-leão nunca será uma rosa. Você precisa descobrir o que o Senhor deseja que você faça, quais talentos lhe deu e fazer o seu melhor. Mas, não se sinta culpada por alguma coisa que não possa ou não saiba fazer. Por exemplo, eu não tenho o dom de cantar. Quanto mais cedo você tiver consciência de seus limites, menos sentirá o peso de uma consciência culpada. Agora, é certo que Deus lhe concedeu os dons que Ele queria que tivesse. Valorize-os, aprimore-os, seja original, e empregue-os da melhor maneira possível.

Ministério: *Há muitas esposas de pastores que trabalham lado a lado com o esposo, há muitos anos e em circunstâncias difíceis, mas que não se sentem devidamente reconhecidas. Que conselhos a senhora lhes daria?*

Karin: Sinto muito pelas esposas que se encontram nessas condições. Talvez, trabalhem há muito tempo, talvez até o esposo já tenha falecido. Creio que é importante lembrar que elas realmente têm um crédito muito alto diante de Deus e da igreja, e que

ninguém as pode subestimar. Também creio firmemente que é importante que todos nos lembremos de incluí-las, valorizá-las, respeitá-las, estimá-las, porque elas realmente são merecedoras de todo o reconhecimento que lhes possamos tributar.

“Nenhuma atividade executada para o ‘corpo’ de Cristo substitui a comunhão pessoal com Ele”

Ministério: *Como esposas de pastores, nós lutamos para manter um relacionamento com Jesus Cristo. Algumas vezes, confundimos o “corpo” de Cristo com o próprio Cristo. Embora prestemos serviço ao “corpo” de Cristo, isso não pressupõe, necessariamente, um relacionamento com Ele. Como podemos manter esse relacionamento?*

Kari: Devo confessar que me sinto afortunada nessa questão. Tenho passado por enfermidades, como já relatei, e já me senti perto da morte. Porém, experiências assim contribuem para melhorar o relacionamento com o Senhor. Você aprende a confiar e descansar nEle. É muito importante permanecer em comunhão com Deus, orar e ler Sua Palavra. Essa é uma forma de conservar na mente a lembrança de que esta vida pode não ser muito longa. O fato é que, nenhuma atividade executada para o “corpo” de Cristo substitui a comunhão pessoal com Ele. A propósito, nenhum trabalho para Ele será efetivo se não for executado a partir desse relacionamento.


Ministério: *Há esposas que enfrentam adversidades e se sentem desanimadas, muitas vezes procurando respostas para indagações como estas: “Por que isso acontece comigo? Sirvo a Deus, meu esposo também O serve, temos dado tudo de nós à igreja. Por que Deus permite que enfrentemos este problema?”*

Kari: Tenho sempre comigo uma citação de Ellen G. White, na qual ela diz o seguinte: “Coisa alguma tende mais a promover a saúde do corpo e da alma do que um espírito de gratidão e louvor. É um positivo dever resistir à melancolia, às idéias e sentimentos de descontentamento – dever tão grande como é orar. Se nos destinamos ao Céu, como poderemos ir qual bando de lamentadores, gemendo e queixando-nos por todo o caminho da casa de nosso Pai?... É uma lei da natureza que nossas idéias e sentimentos sejam animados e fortalecidos ao lhes darmos expressão.”

Ministério: *Que atitudes a senhora identifica em seu esposo, como sendo determinantes para mantê-la feliz, otimista e realizada como esposa de pastor?*

Kari: Uma coisa que tenho apreciado muito em Jan é que ele sempre valoriza o que eu faço, sempre me atribui o devido crédito. Ele nunca me força a fazer alguma coisa que eu não me sinta à vontade para fazer. Quando ele deixa o escritório e chega em casa, o tempo seguinte é nosso. Felizmente, ele conserva esse maravilhoso princípio de vida. Deixa todas as preocupações, todos os afazeres no escritório. Afinal, necessita de tempo para reabastecer-se. Ele tem tempo para nós dois, para mim, para nossa família, e isso faz com que me sinta muito importante.

Ministério: *Se a senhora pudesse reunir todas as famílias pastorais do mundo em um imenso auditório, o que gostaria de lhes dizer?*

Kari: Quando penso sobre todas as diferentes famílias pastorais, o que me vem à mente é um meaquebra-cabeça. E, em um quebra-cabeça, como você sabe, toda peça tem que caber em um lugar, seja ela grande ou pequena. O quebra-cabeça não está completo até que todas as peças estejam ajustadas em seu devido lugar. E uma peça pequena é tão importante quanto uma grande. A peça bonita é tão importante quanto a peça obscura. A mesma coisa é verdade com as famílias pastorais. Enquanto aguardamos o retorno do nosso Senhor, servimos à Sua causa em lugares diferentes, sob circunstâncias diferentes, com maior ou menor visibilidade. Porém, todos nós somos iguais diante dEle, todo trabalho feito tem grande importância para Ele. Que essa certeza nos anime a prosseguir unidos como uma só família. 

O verdadeiro perigo

A ditadura da moda esconde muito mais do que podemos ver



Sônia Rígoli Santos

Coordenadora da Afam
na Associação
Sul-Paranaense

AFAM

Helena experimentava uma crise existencial. Seu casamento havia chegado ao fim, pulverizando seus sonhos de felicidade. Tentando manter a auto-estima, ela resolveu fazer o que todo mundo aconselhava: mudar. Mudou a cor dos cabelos, o guarda-roupa e, infelizmente, mudou também as atitudes. Antes, tinha sido uma mulher modesta e de muito bom gosto. Agora, fazia de tudo para chamar a atenção. Acabou mudando sua imagem e perdendo seu bom conceito de mulher cristã.

À semelhança de Helena, hoje, muitas mulheres encontram argumentos para mudar seu modo de ser. Porém, o que Deus pensa sobre isso?

“A Bíblia ensina modéstia no vestuário... proíbe ostentação nos vestidos... Profusa ornamentação. Tudo que vise chamar a atenção para a pessoa, ou provocar admiração, está excluído do traje modesto recomendado pela Palavra de Deus.”¹

E mais: “tenho visto uma vaidade no vestuário e leveza de conduta, que tem ofendido ao querido Salvador, sendo ao mesmo tempo uma vergonha para a causa de Deus. Tenho observado com dor seu declínio religioso, e sua inclinação a enfeitar e adornar o vestuário. Alguns jovens têm sido bastante infelizes para chegar a adquirir correntes ou alfinetes de ouro, ou ambas as coisas, e têm mostrado o mau gosto de exibi-los, fazendo-os notórios a fim de chamarem a atenção.”²

“A moda está deteriorando o intelecto e carcomendo a espiritualidade de nosso povo. A obediência à moda está penetrando nossas igrejas adventistas do sétimo dia, e fazendo mais do que qualquer outro poder para separar nosso povo de Deus... Há sobre nós, como um povo, um terrível pecado – temos permitido que os membros de nossas igrejas se vistam de maneira incoerente com sua fé. Cumpreremos imediatamente, e fechar a porta contra as seduções da moda. A menos que isso façamos, nossas igrejas se tornarão desmoralizadas.”³

Por que a questão do vestuário apela tão fortemente às pessoas? Talvez seja pelo desejo de revelarmos auto-imagem positiva. Porém, muitas vezes,

nos excedemos em nosso cuidado com a aparência. E a mensageira de Deus tem um motivo muito mais profundo, muitas vezes passado por alto, ao empregar palavras aparentemente muito severas no trato dessa questão.

Por causa de sua bela aparência, Lúcifer foi o primeiro ser a demonstrar excessivo amor-próprio. Deus parece ter prodigalizado em Seu bom gosto ao criar esse anjo querubim. Aparentemente, nove pedras preciosas foram criadas para orná-lo (ver Ez 28:13). Todavia, o resultado de tamanha beleza não foi gratidão, mas orgulho, vaidade e presunção. “Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor...” (v. 17). Hoje, ele procura despertar no coração das pessoas os mesmos sentimentos de orgulho e vaidade. E, parece ser entre as mulheres que ele tem alcançado muito sucesso. Não fosse assim, por que Deus Se preocuparia com o excesso de cuidado com a aparência?

O Senhor nos criou para a vida eterna. Ele não tem prazer na morte de Suas criaturas. Por esse motivo, nos adverte para que não caiamos nos ardis do inimigo e, como ele, nos tornemos orgulhosos e vaidosos quanto à nossa aparência, mais preocupados com as coisas desta vida que com a vida futura.

Quando Deus nos proíbe alguma coisa, como o fez a Adão e Eva no jardim, é porque Ele conhece, melhor que ninguém, os perigos que estão por trás de coisas aparentemente insignificantes. Deus sabe perfeitamente bem quão danosos são os pecados do orgulho e da vaidade, que têm levado à ruína muitos cristãos. Contudo, se vivermos em conformidade com Seu desejo, teremos bem menos chances de ser engolfadas pelas sutis tentações de orgulho e vaidade. Não seremos, como o tentador, deixadas do lado de fora do Céu nem perderemos a companhia do Salvador para sempre. ❀

Referências:

¹ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viser*, p. 287.

² _____, *Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 351.

³ *Ibidem*, p. 600.

Deus e a natureza



L. James Gibson

Diretor do Instituto de Pesquisa em Geociência, Loma Linda, Estados Unidos

Evidências científicas fazem do conceito de designio inteligente a explicação mais viável da origem da vida e do Universo

Tem Deus qualquer relação com a natureza? Em caso afirmativo, qual? Para desenvolvermos uma abordagem das origens, devemos compreender esse relacionamento. O modo como alguém se percebe e sua relação com o cosmos são fortemente influenciados por sua visão do relacionamento de Deus com a natureza e suas implicações para a origem e natureza dos seres humanos.

Diferentes cosmovisões oferecem variadas idéias sobre o relacionamento entre Deus e a natureza, cada uma delas carregando suas implicações para o estudo das origens. O pensamento ateu não vê relevância na idéia de Deus e, por isso, não vê a natureza como autônoma. O acaso e as causas naturais são o único processo disponível para explicar as origens. Mas, a questão crucial é se eles têm o poder necessário para produzir o cosmos.

Para a compreensão panteísta, comum nas religiões orientais, Deus e a natureza são idênticos. Com a natureza sendo autônoma, ou tendo sua própria "mente", a idéia de uma deidade separada é insignificante. No panteísmo, a natureza é dotada de poder divino. Portanto, nela existe uma tendência inerente para auto-organização, que leva à emergência da vida e suas complexidades.

No conceito teísta, Deus e a natureza são separados, embora ela não seja independente de Deus, que age continuamente para mantê-la e, ocasionalmente, age de modo especial para cumprir Sua vontade em instâncias específicas. A natureza é dependente de Deus, tanto em sua origem como em sua contínua existência. Essa visão é partilhada pelo cristianismo, judaísmo e islamismo. Aqui, a questão crucial não é sobre as propriedades da natureza, mas sobre a plausibilidade da existência de um Deus com poder para criá-la.

Observando para compreender

As possibilidades de teísmo, ateísmo ou panteísmo podem ser investigadas a partir da seguinte questão: Tem a natureza as propriedades necessárias para gerar vida e organismos complexos? Se tem, os três pontos de vista estão abertos a considerações. Se não, o ateísmo e o panteísmo são falsos e o teísmo permanece como verdade mais provável.

Vamos focalizar e analisar três questões:

1. É o acaso uma explicação causal suficiente para a vida e o Universo?

Duas linhas de evidências apontam a insuficiência do acaso como originador da natureza. Primeira: o Universo tem um grupo específico de propriedades sem o qual a vida seria impossível.¹ As potências relativas das forças fundamentais, como gravidade e forças do núcleo atômico, junto com os valores das constantes físicas, tais como a velocidade da luz, são ligadas de modo a tornar a vida possível. A mais leve mudança nesses fatores poderia impossibilitar a existência de átomos e moléculas. Outras alterações leves também poderiam impossibilitar a existência de água e hidrogênio. É pequeníssima a chance de que todos esses fatores pudessem ser sintonizados pelo acaso. Os aspectos específicos do Universo descartam o acaso como explicação para sua origem.

Segunda linha de evidência: os organismos vivos são feitos de células compostas de biomoléculas altamente específicas, incluindo proteínas feitas de aminoácidos e nucleotídeos. O número potencial de diferentes formas pelas quais aminoácidos e nucleotídeos podem ser combinados em proteínas e ácidos nucleicos, respectivamente, é muito maior que o número de elétrons no Universo conhecido. Somente uma proporção relativamente pequena de proteínas e ácidos nucleicos é adequada para manter a vida. Proteínas e ácidos nucleicos interagem de muitas formas diferentes, e a mais leve mudança na seqüência de até mesmo uma única proteína pode algumas vezes causar morte. A chance de que os aminoácidos pudessem, pelo acaso, se organizar por si mesmos em seqüências apropriadas para a vida é tão remota como impensável.

2. É a lei natural explicação suficiente para as origens?

A lei natural não parece adequada para explicar a origem do Universo. O Universo poderia muito bem ter tido

outras características que tornariam a vida impossível. Nem acaso nem lei natural, nem qualquer combinação concebível entre os dois, são suficientes para explicar a origem do Universo.

A vida depende de certo número de componentes, incluindo proteínas com modelos específicos que são resultado de seqüências específicas de aminoácidos. Na origem da vida, pela lei natural, as primeiras proteínas e ácidos nucleicos deveriam ser produzidos sem condições de vida. Não se conhece nenhum processo semelhante para formar proteínas e ácidos nucleicos. A lei natural é suficiente para dirigir a desintegração de proteínas e ácidos nucleicos, mas tanto quanto podemos afirmar, não é suficiente para produzi-los em condições desfavoráveis à vida.

Nosso atual conhecimento é incompleto, mas não há razões para suspeitar que haja para ser descoberta alguma lei de construção de proteína em tais condições. A origem dos ácidos nucleicos em condições desfavoráveis à vida enfrenta o mesmo problema: a lei natural é capaz de destruí-los, mas não é capaz

de produzi-los em condições impróprias à vida. Geralmente, é comum observar que os processos naturais causam a morte de organismos vivos, mas nunca foi observado que eles geram vida do nada. Assim, esses fatos também descartam a lei natural como explicação das origens.

3. É o desígnio explicação suficiente para as origens?

O desígnio implica propósito, que implica mente inteligente. Dizer que o Universo e a vida foram projetados é dizer que eles resultaram de uma decisão feita por uma mente inteligente, com um propósito. Esse conceito é aceito pela maioria dos cristãos, incluindo muitos cientistas e filósofos.

Um estudo da origem por desígnio pode ser feito de duas maneiras. Primeira, as únicas explicações conhecidas para as origens do Universo e da vida são o acaso, a lei natural e o desígnio.² Desde que as duas primeiras hipóteses se mostraram inadequadas, o desígnio é a única explicação viável. Como esse pode ser um argumento simplista, precisamos ter evidências favoráveis a ele.

Para alguns críticos, o desígnio é uma inferência falível porque não há critério objetivo para sua identificação. Mas, essa crítica não é válida. Há muitos critérios comumente usados para identificar o desígnio.³ Por exemplo, considere os meios de um arqueólogo identificar uma pedra ax como sendo projetada. Primeiro, a pedra ax tem um modelo incomum, não encontrado normalmente entre pedras em ambientes corriqueiros. Segundo, a ax tem sinais de fraturas, sugerindo que seu modelo foi modificado por processos não casuais, como choques contra outra rocha. Terceiro, esse modelo qualifica o objeto para uma função reconhecível, associada com a atividade humana. Quarto, a ax mostra evidência de ter sido usada na atividade humana. Assim, parece que a pedra ax foi alterada com um propósito. Em suma, ela foi projetada.

Mais recentemente, dois outros sinais identificadores foram propostos: complexidade irreduzível e complexidade especificada. Essas marcas são tidas como indicadores confiáveis do desígnio, embora não estejam necessariamente presentes em todo objeto projetado. Complexidade irreduzível⁴ se refere a um sistema composto de determinado número de partes, no qual a remoção de qualquer dessas partes deixa o sistema sem qualquer função. Diz-se que tal



sistema é “irreduzível” em termos de sua funcionalidade. A complexidade fica por conta da interação das muitas partes.

Complexidade especificada⁵ é um fenômeno com múltipla interação das partes, formando ou produzindo um modelo reconhecível. Nesse caso, o termo “especificada” significa que esse modelo carrega alguma informação ou significado para o observador. Implícita nessa idéia está a noção de que a informação é criada e reconhecida por mentes inteligentes, não através de processos físicos aleatórios.

Ao examinarmos os organismos vivos, vemos marcas que podemos interpretar como resultado de desígnio. Muitos exemplos têm sido propostos, embora nem todos sejam igualmente persuasivos. Alguns exemplos que parecem persuasivos incluem a informação contida no DNA, os cílios, o mecanismo da coagulação sanguínea, a célula viva, o mecanismo de síntese da proteína, reprodução sexual e outros.

Em suma, o desígnio parece uma poderosa explicação para as origens do Universo e da vida. A evidência para o desígnio implica que Deus agiu com propósito para criar o Universo e a vida.

Ações divinas e classificação

Deus pode agir diretamente na natureza através de causa primária, ou indiretamente, através de causa secundária. No primeiro caso, Ele age sobre a matéria e a energia, para causar um efeito desejado. No segundo caso, Deus causa um evento, como por exemplo, permitindo que processos naturais avancem para um fim predeterminado. Tomás de Aquino notou a distinção entre as causas primária e secundária,⁶ embora a aplicação aqui seja pessoal.

A distinção entre ação direta e ação através de processos secundários pode ser ilustrada pela comparação entre um quadro e uma fotografia. O quadro é finalizado através da ação direta de um pintor que aplica tinta à tela. A fotografia é produzida através de um processo secundário, em que o fotógrafo usa um equipamento de sensibilidade para disparar a câmera. A fotografia foi feita pela intenção do fotógrafo, e não fruto do acaso (embora certos detalhes possam ser devidos ao acaso, como a direção em que um animal estava olhando quando a câmera foi disparada), mas a imagem foi produzida indiretamente, e não diretamente pintada pelo fotógrafo.

Deus também poderia agir contínua ou intermitentemente na natureza. Por exemplo, Ele age continuamente para sustentar a existência do Universo. Em certas ocasiões, Ele age através de maneiras especiais, como agente voluntário, tanto como um ser humano pode atuar. Assim, Deus age continuamente e descontinuamente.

As questões quanto à natureza das ações divinas, se são contínuas ou descontínuas, e se resultam da causa primária ou secundária, podem ser usadas para classificar Suas atividades na natureza em quatro categorias.

Atividade contínua direta

Nas operações da natureza, Deus age continuamente, “sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder” (Hb 1:3). Os atos de Deus são tão consistentes e confiáveis que reconhecemos os modelos como “leis da natureza”. Não raro, somos capazes de usá-las para prever o que acontecerá em determinadas circunstâncias. Se Deus deixasse de agir dessa forma, o Universo deixaria de existir.

As ações contínuas, consistentes e diretas de Deus são a causa das leis gerais da natureza.⁷ Essas leis mantêm a existência do Universo. Por “leis gerais” quero dizer regularidades observadas que parecem estar em efeito através do Universo observável. Elas incluem as forças fundamentais (gravidade, forças nucleares fortes e fracas e a energia eletromagnética) e os valores das constantes físicas (massa de partículas elementares, velocidade da luz, entre outras). O número de leis gerais conhecidas na natureza pode ser muito pequeno.

A prática da ciência está fundamentada na consistência das ações contínuas diretas de Deus. Um dos objetivos da ciência é identificar essa consistência.

Atividade descontínua direta

Deus também age de modo descontínuo. Suas ações descontínuas diretas podem ser a causa de eventos percebidos como sobrenaturais, ou milagres.⁸ Por “eventos sobrenaturais”, quero dizer um evento que não podia ter sido prognosticado a partir de um antecedente estado de matéria e que não podia ter ocorrido, exceto por ação inteligente. Eventos sobrenaturais poderiam incluir “milagres” e talvez muitas atividades dos seres humanos.

Normalmente, os eventos naturais são compatíveis com as leis gerais da

natureza; embora, teoricamente, possam ocorrer exceções. Por exemplo, se Deus criou através de um processo como o big-bang, não conhecemos qualquer lei que possa ser aplicada a esse processo. Por outro lado, não existe nenhuma razão para supormos que Deus teve que transgredir as leis das forças fundamentais ou mudar as constantes físicas para transformar água em vinho, ressuscitar mortos, ou acalmar tempestades. Tudo isso foi milagre, mas não houve necessidade de transgressão das leis gerais da natureza. Qualquer pessoa poderia fazer, talvez, a mesma coisa, sem transgredir leis naturais, desde que fosse onipotente, onisciente e hábil para manipular matéria e energia através de uma ordem.

A ciência pode ter grande dificuldade em analisar eventos sobrenaturais, pois ninguém pode observar o que Deus está fazendo. Isso não significa, necessariamente, que um cientista não deva estudar esses eventos, mas que ele deve desconfiar de explicações com as quais não está familiarizado.

Atividade contínua indireta

Deus também continua ativo através de mecanismos secundários. Por exemplo, o sistema de condições atmosféricas permanece continuamente mantido através das leis gerais da natureza. Entretanto, o estado atmosférico específico em si, provavelmente, não é manipulado diretamente por Deus, exceto os eventos especiais (sobrenaturais). Ordinariamente, Ele “produz” as condições atmosféricas através de meios secundários. Esse sistema pode ser comparado a uma máquina que opera sob princípios compatíveis, sem direção contínua externa. A consistência dos processos atmosféricos pode nos levar a considerá-los leis da natureza, mas na realidade eles são apenas efeitos localizados das leis gerais.

O desenvolvimento humano é outro exemplo de atividade contínua através de processos secundários, com cada um de nós sendo desenvolvido a partir de uma única célula viva em um indivíduo multicelular. Embora, aparentemente, isso seja um processo físico, referimo-nos a nós mesmos como tendo sido criados. Assim, reconhecemos que Deus pode “criar” através de processos secundários, como na continuidade da vida humana.

A ciência faz muito bem em pesquisar os eventos que resultam da contí-

nua atividade de Deus, quer direta ou indiretamente. Na verdade, esses eventos causados por mecanismos secundários são o principal tema da ciência. As explicações devem ser procuradas nos termos das leis gerais.

Atividade descontínua secundária

De igual modo, Deus pode agir intermitentemente através de causa secundária.⁹ Com frequência, respostas a orações são resultado de atos especiais de Deus, usando causas secundárias. Por exemplo, uma família necessitada que ora por ajuda pode encontrar uma cesta com alimentos à porta de casa. A cesta pode ter sido colocada ali por alguém que foi impressionado a fazer isso. Nesse caso, Deus agiu diretamente no benfeitor, que se tornou causa secundária em resposta às orações da família.

Alguns milagres bíblicos parecem ter envolvido atos de Deus através de mecanismos secundários. Os exemplos incluem o uso do vento para levar comodizes aos hebreus no deserto, vespões para afastar os inimigos de Israel, o pagamento de imposto com a moeda que Pedro e Jesus tiraram do peixe. Entretanto, em cada caso, o processo secundário provavelmente tenha sido iniciado por ação divina direta. Um milagre bem pode envolver as duas ações.

A ciência pode ter algum sucesso em analisar eventos envolvendo causas descontínuas secundárias, mas a falta de reconhecimento da atividade divina certamente dificultará conclusões que se harmonizem com as Escrituras.

Origens e operações

No estudo das atividades de Deus na natureza, devemos distinguir entre questões de origens e questões de operações. Origens são singularidades, enquanto operações ocorrem continuamente. Ter boa compreensão das operações nem sempre implica boa compreensão das origens.

Considere as operações de um automóvel. O combustível é queimado no motor, liberando energia para impulsionar os pistões. Esse movimento, através de uma série de ligações mecânicas, faz o carro andar. Muitos mecanismos de controle dirigem o movimento do carro e o fazem parar ou movimentar-se, segundo a vontade do operador.

Um bom mecânico compreende as “leis” que governam as operações de um

carro e realiza ações apropriadas para manter a máquina em boas condições, ou para consertá-la quando necessário. Aparentemente, o mecânico sabe tudo o que se deve saber sobre o automóvel. Mas, tal compreensão não lhe dá a capacidade para explicar como ele é fabricado. Talvez, ele nunca tenha visitado uma fábrica de automóveis para ver como são feitos. Devemos duvidar do mecânico para quem a fabricação de um automóvel não requer processos que ele não tenha observado nem princípios que lhe sejam desconhecidos.

Como eruditos, somos um pouco parecidos com um mecânico. Embora sejamos capazes de observar muitos processos físicos operando no Universo, não vimos sua origem. Compreendemos em grande medida sobre os processos físico-químicos em células vivas, mas nunca vimos vida originada de não-vida. As origens da vida e do Universo envolvem processos alheios ao dia-a-dia de suas operações. Assim, é útil considerar separadamente as questões de origens e operações na natureza.

Milagres e lei natural

Tenho enfatizado que os milagres não requerem, necessariamente, violação das “leis naturais”. Faço isso porque, para muitos eruditos, milagres são, por definição, violações dessas leis e, assim, ameaçam a prática científica.¹⁰ Mas, esse não é o caso. A ciência pode não ser capaz de explicar milagres, mas a causa dessa falha pode ser o fato de que não podemos ver o que Deus está fazendo; não porque sejamos incapazes de compreender o mecanismo físico. Não é fatalidade a ciência admitir que possam ocorrer milagres, a menos que alguém adote a posição filosófica de que todos os eventos devem ser explicados pela ciência, apelando unicamente para os processos naturais.

O que dizer da habilidade científica para estudar eventos sobrenaturais? É justificável para um cientista estudar a criação, se ela foi um evento sobrenatural? Para o relato bíblico das origens, seria a ciência irrelevante?

A resposta para essas questões depende do que o cientista está tentando descobrir. Suponha que ele deseja estudar a origem da vida. A Bíblia estabelece que Deus fez o mundo em seis dias. Para o criacionista, é inútil tentar provar se Deus criou em seis dias, sendo que o processo foi claramente único

e milagroso; portanto, fora do campo científico. Porém, há muitas outras questões que um cientista criacionista pode perseguir. Por exemplo, ele pode querer estudar os relacionamentos entre os organismos, para determinar em que extensão eles têm sido diversificados desde a criação. Ou pode querer investigar alguns aspectos das células e biologia molecular. Até pode querer examinar se o relato da criação é aplicável ao mundo inteiro ou a uma determinada região, embora esse não seja um estudo estritamente científico, desde que deve considerar o texto bíblico e o estudo do mundo físico.

Às vezes, a questão das origens pode ser uma controvérsia entre ciência e fé, por causa das diferentes pressuposições sobre o relacionamento de Deus com a natureza. O argumento apresentado aqui aponta a evidência da ação divina na natureza, em causas diretas e indiretas. Tais ações podem ser descritas em quatro categorias: contínua e direta, contínua e secundária, descontínua e direta e descontínua e secundária.

Com a ciência bem equipada para estudar os atos contínuos de Deus, a Escritura enfatiza as atividades descontínuas. A metodologia científica restrita aos mecanismos físicos observáveis é inadequada para descobrir e explicar nossas origens. Alguns aspectos da realidade parecem ser mais bem explicados pelo desígnio e causa pessoal direta. A descrição bíblica de Deus provê informação essencial em nossa preocupação para compreender o relacionamento de Deus com a natureza e os seres humanos. ❧

Referências:

- ¹ J. D. Barrow e F. J. Tipler, *The Anthropic Cosmological Principle* (Oxford: Oxford University Press, 1986); Hugh Ross, *The Creator and the Cosmos* (Colorado Springs: NavPress, 1995).
- ² W. A. Dembski, *More Creation* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 93-112.
- ³ _____, *The Design Inference* (Cambridge: Cambridge University, 1998).
- ⁴ M. J. Behe, *Darwin's Black Box* (NY: Free Press, 1996).
- ⁵ W. A. Dembski, *Intelligent Design* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999).
- ⁶ Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, parte 1, Artigos 19, 22; <http://newadvent.org/summa>.
- ⁷ M. A. Jeeves e R. J. Barry, *Science, Life and Christian Belief* (Grand Rapids: Baker Book, 1998); J. P. Moreland e J. M. Reynolds, *Three Views on Creation and Evolution* (Grand Rapids: Zondervan), p. 148-152.
- ⁸ R. D. Geivett e G. R. Habemas, *In Defense of Miracles* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1997), p. 142, 143.
- ⁹ M. A. Jeeves e R. D. Barry, *Op. Cit.*, p. 42.
- ¹⁰ R. D. Geivett e G. R. Habemas, *Op. Cit.*, p. 33.

O pastor e o poder



Divulgação: Ministry

Steve Walikonis

Pastor em Washington,
Estados Unidos

*Todo líder precisa
se examinar
continuamente,
para determinar
se atrai ou repele
as pessoas*

Um fenômeno intangível permeia a atmosfera do nosso mundo. Nós o conhecemos como “poder”. Como indivíduos e nações, o assunto do poder caracteriza nossa cultura; e o desejo de poder, como regra geral, domina as massas quer no sentido econômico, político, social ou tecnológico. Expressões familiares atestam as muitas ramificações do poder na vida e experiência diárias: poder político, equilíbrio de poder, poder da mídia, ou indivíduos de poder. Na igreja, frases tais como “o poder dos leigos” ou “o poder da liderança” sugerem certa preocupação a respeito do poder.

Cada uma dessas expressões poderia indicar ser indesejável a falta de poder. Como afirmou Robert Greene, “o sentimento de não ter poder sobre as pessoas e os acontecimentos é geralmente insuportável para nós – quando nos sentimos miseráveis e desamparados. Ninguém quer menos poder; todos querem mais”.¹

Como devemos nós, os pastores, nos relacionar com esse fenômeno?

Cinco tipos

Onde quer que um grupo de pessoas se organize para cumprir determinado objetivo, o fenômeno do poder está em pauta. Uma organização inteira é afetada pelo modo como seu líder se relaciona com o poder, junto com uma série de opções para aplicá-lo. Em um extremo, líderes eclesiais podem forçosa e autocraticamente impor seu poder, resultando em conflitos, rivalidades e rebeliões. No outro lado, os líderes talvez não apliquem o poder a fim de que possam realizar todas as mudanças necessárias, e dessa forma, nada conseguem cumprir. Revestido da função de contendor, todo líder desempenha o jogo do poder, e quanto a isso, não existe escolha.

Quase todo membro de igreja pode relatar histórias de congregações feridas por um pastor ou líder voluntário que usou erroneamente o poder, resultando em descontentamento e redução de auto-estima. Tanto o líder se sente desanimado, porque poucos se dispõem a seguir sua liderança, como os membros se sentem inúteis e desmotivados. Em um seminário, o Dr. Arnold Kurtz, professor jubilado do Seminário Teológico da Universidade Andrews, comentando o fato de a baixa disposição de ânimo de uma congregação freqüentemente ser atribuída à chamada condição laodiceana, disse que a causa real pode ser o modo como o pastor a lidera. Na verdade, o uso que o pastor faz do poder que lhe é atribuído pode criar a própria condição que ele lamenta.

Como um líder deve se relacionar com o fenômeno do poder? J. R. P. French e Raven² identificaram cinco tipos de poder:

Poder especializado – baseado na percepção que B tem da competência de A.

Poder referente – baseado na identificação, ou amizade, de B com A.

Poder-recompensa – baseado na habilidade de A em recompensar B.

Poder coercivo – baseado na percepção de B no sentido de que A pode aplicar castigos, caso A seja vítima de falhas por parte de B.

Poder legítimo – baseado na internalização de normas e valores comuns.

Poder especializado

Em nossa época de rápido avanço do conhecimento especializado, temos que confiar em especialistas em todo ramo de aprendizado. Justamente porque o poder especializado está por trás da liderança efetiva, o líder pode se tornar famoso por boas decisões tomadas, são juízo, ou percepções corretas da realidade. Essas são qualidades que aparentemente fazem com que um indivíduo ascenda naturalmente ao poder.

Os seguidores são persuadidos de que o reformador está certo, e um movimento de reforma começa a nascer. Esse cenário é regularmente visto no mundo político, bem como no mundo religioso. Quando alguém observa o poder de revolucionários ou reformadores, parece que esse poder começa com a percepção de habilidade desses indivíduos. Eles usam seu conhecimento ou discernimento para definir os problemas prevaletentes e propor soluções. O ministério de Jesus oferece um exemplo de poder especializado, pois “Ele ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mt 7:29). Havia em Suas palavras uma credibilidade que impressionava os ouvintes com o fato de que Ele sabia o que estava falando.

Nesta época de revolução tecnológica, a disseminação do conhecimento e a facilidade com que os indivíduos rapidamente partilham informações determinam quem tem posição de influência. Com respeito à igreja, muitos membros têm conhecimento de teologia e administração em tal nível que podem até superar o do pastor. A liderança busca preencher um vácuo. Onde o pastor talvez seja deficiente, outros podem ser considerados mais bem-informados ou experientes, alterando, assim, o poder do líder da igreja.

Aplicada aos pastores, essa forma de poder demonstra a razão pela qual o preparo no seminário é considerado tão importante. A capacitação extra recebida através de educação contínua permite aos estudantes capitalizar sobre a abundância de informação disponível, para realizar efetivamente o trabalho do ministério.

Poder referente

Fundamentado no desejo que os seguidores têm de se identificar com seu líder e ser aceitos por ele, o poder referente serve de modelo e agente de influência, pelo qual são avaliados seu

comportamento e suas crenças. Dentro de uma organização, o poder referente pode ser intenso, pois em toda congregação, nomes, do pastor ou de alguns membros, certamente serão ouvidos e lembrados com grande afeto e respeito.

Alguém poderia indagar: O que é tão notável a respeito desses indivíduos? Por que sua memória é tão reverenciada? Por que as pessoas os consideram tão especiais? Por que são tão poderosos? Com a resposta vem a atração do poder referente. O líder, conhecido pelo carisma de seu amor e maneiras gentis manifesta seu poder. Na maioria das organizações, alguns indivíduos parecem motivar outros meramente pelo respeito que tributam aos seus amados; e os demais também desejam ser identificados com eles.

Líderes-servos tendem a crescer em poder referente. Na visão de Richard J. Foster, “liderança é uma atividade de serviço. Aqueles que vestem o manto da liderança fazem isso para a segurança de outros, não por sua própria segurança. Sua preocupação é preencher as necessidades do povo, não fazer crescer sua própria reputação”.³ Portanto, note como o poder referente cria lealdade e espírito de equipe em uma organização.

Aparentemente, existem duas tendências atuais de poder. Como existem muitos livros e artigos falando a respeito de empreendimentos, *status* e sucesso, há muitos exemplos desse tipo de poder. Podemos nomear políticos, homens de negócios e líderes militares que escalaram desde níveis inferiores e chegaram à proeminência. Uma vasta literatura destaca pessoas que causaram impacto no mundo de outra forma. Seu poder não foi devido à sua força, posição ou aparência privilegiada, mas devido ao caráter, espírito de serviço, integridade, humildade e preocupação com os semelhantes. Isso nos faz ver o paradoxo de poder que tem sido modelado em vários tempos através da História. Pat Williams se refere a Mahatma Gandhi, que influenciou seu país inteiro, embora não tivesse posição de autoridade. Diz Pat:

“Uma das maiores chaves para o poder transformador da liderança de Gandhi foi sua humildade, enraizada num desejo de estar completamente identificado com os pobres e oprimidos a quem ele servia. Quando viajava, fazia isso em trens de terceira classe. Viajantes de terceira classe eram tratados como car-

gas, colocados com animais, em miseráveis condições de temperatura, sujeira e mau cheiro. Indagado por que viajava na terceira classe, Gandhi respondia: ‘Porque não há quarta classe’.”⁴

O exemplo ideal de poder referente é o ministério de Cristo. As Escrituras nos dizem que as multidões se reuniam a Ele e O seguiam. A atração pública e a demanda eram tão grandes que dificilmente Ele podia encontrar descanso. Hoje, os pastores devem examinar sua vida e seu ministério, para determinar se atraem ou repelem o povo. Afinal, trabalhar com pessoas é um dever diário do pastor.

Poder-recompensa

O controle dos recursos disponíveis determina a base do poder-recompensa. Por exemplo, os líderes de uma igreja têm elevado grau de poder-recompensa, considerando que eles são dotados de autoridade para determinar quantos empregados serão contratados e assalariados, ou não. Na tentativa de motivar, os líderes também podem recompensar servidores cujo desempenho seja expressivo, e negar qualquer recompensa àqueles que não trabalhem bem.

Em muitas congregações, o real poder para conceder promoções e prêmios pertence à comissão administrativa. Entretanto, a única maneira de os membros dessa comissão saberem o que acontece no dia-a-dia é o pastor, que se torna um elo-chave com a fonte de recompensas. Frequentemente, apenas a recomendação do pastor é suficiente para prover qualquer recompensa ou benefícios financeiros para serviços meritórios.

Outro exemplo de poder-recompensa é o reconhecimento público, habitualmente feito pelo pastor. Muitas pessoas que trabalham para a igreja são voluntárias, e a habilidade para recompensar seu serviço e dedicação diante da igreja pode ser um tremendo impulsionador para a auto-estima pessoal e a qualidade dos serviços prestados à igreja.

Entretanto, esse modelo de poder tem seus perigos. De acordo com Alfie Kohn,⁵ o poder-recompensa tem efeitos motivacionais, mas, em longo prazo, ele induz ao desenvolvimento de uma opinião fixa que realmente impede o desempenho de um indivíduo, a menos que ele seja recompensado. Alfie ainda sugere algumas razões pelas quais o poder-recompensa pode causar problemas:

ele pressupõe castigo, pode quebrar relacionamentos, ignorar motivos, desencorajar a disposição para correr riscos, reduzir a motivação intrínseca, revelar-se controlador quando exercido na forma de elogio, sendo, desse modo, ineficaz. Todo líder precisa usar esse tipo de poder com muito cuidado, consciente de suas potenciais desvantagens.

Poder coercivo

O líder que usa o poder coercivo controla a concessão ou negação de valiosas recompensas ou penalidades temidas. Como forma de poder, a coerção é aparente no exercício do governo, no mundo dos negócios, na família e na vida eclesiástica. Blaine Lee descreve sua natureza:

“O poder coercivo reside na premissa do controle e uso do temor como seus instrumentos. Quando usamos o poder coercivo, não fazemos isso para influenciar outros, mas para forçá-los a obedecer. Conquistamos aquiescência através de ameaças, bajulação, intimidação ou força física – o que for necessário – para causar medo naqueles que estamos procurando controlar.”⁶

Quando consideramos quão efetivamente o temor tem mantido muitos entre a população mundial sob repressão e regimes cruéis, não nos surpreendemos, porque a coerção tem sido considerada “o tipo de poder que a maioria das pessoas compreende melhor”.⁷ Como Célia Hahn observa, “o controle da cultura provê um refúgio confortável para a personalidade autoritária. Em um mundo estruturado pelo controle e pela hierarquia, a personalidade autoritária se sente segura. Na hierarquia do poder, ela tem seu próprio nicho. Enquanto se submete aos que lhe são superiores, ordena aos que estão abaixo para que façam o mesmo”.⁸

Pesquisas revelam que o poder coercivo tem um impacto óbvio, pois afeta a auto-estima de uma congregação, de modo exatamente oposto aos tipos anteriores de poder (especializado, referente e recompensa). Respostas dadas durante uma pesquisa, em determinada igreja, refletem a angústia de membros cujo pastor exerce poder altamente coercivo.⁹ Um dos entrevistados respondeu: “As coisas não vão bem. Já perdemos muitos membros, e eu estou tentando me segurar lá.” Outro respondeu: “Nossa igreja se tornou o reino do pastor. Estamos sendo

controlados em lugar de viver numa democracia.” Comentários desse tipo não foram feitos quando o pastor foi descrito como praticante dos poderes especialista e referente.

Poder legítimo

O modelo legítimo de poder está fundamentado em normas e expectativas que os membros de um grupo mantêm a respeito de comportamentos apropriados de determinados papéis ou posições. Em outras palavras, os membros aceitarão, mais provavelmente, os líderes e sua influência, sempre que eles mantiverem atitudes que se conformam às normas do grupo ou organização.

Na igreja, os líderes são escolhidos e legitimados através de um processo que envolve escolhas em comissões, votos em assembléias e instalação na respectiva função. Esforços são empreendidos para harmonizar as necessidades da organização com as habilidades e qualificações do líder. Às vezes, algum tipo de cerimônia oficial tem lugar, quando o novo líder assume a função para a qual foi escolhido. Na mente dos membros, esse processo confere legitimidade a quem lidera. Se eles perceberem que as habilidades do líder são insuficientes, que o processo de escolha foi suspeito, ou que os valores do líder diferem dos da organização, a conquista do poder legítimo torna-se difícil.

O ministério de Cristo foi uma combinação desses cinco tipos básicos de poder. Ele exerceu liderança com a credibilidade e a legitimidade de quem foi enviado por Deus. Confrontou o erro e proclamou a verdade, em amor, com autoridade celestial. Através de Seu poder, a carência foi transformada em plenitude.

Aos líderes cristãos de hoje, Deus concede o privilégio de usar Seu poder a fim de melhorar a igreja e o mundo. Ao nosso redor, vemos necessidades, vidas e relacionamentos fraturados, confusão e desordem. Líderes sábios estarão sempre conscientes do poder que têm nas mãos, e que deve ser usado para restaurar tudo o que foi arruinado pela ação deletéria do pecado. Empregado dessa forma, o poder

pode ser descrito como um instrumento que glorifica a Deus. ❧

Referências:

- ¹ Robert Greene, *The 48 Laws of Power* (Nova York: Viking, 1998), p. 17.
- ² J. R. P. French e B. Raven, *Studies in Social Power* (Ann Arbor: University of Michigan, Institute for Social Research, 1959), p. 150-167.
- ³ Richard J. Foster, *Money, Sex and Power* (San Francisco, CA: Harper and Row, 1985), p. 235.
- ⁴ Pat Williams, *The Paradox of Power* (Nova York: Warner Books, 2002), p. 207.
- ⁵ Alfie Kohn, *Punished by Rewards: The Trouble with Gold Stars, Incentive Plans, As, Praise and Other Bribes* (Boston: Houghton Mifflin, 1993), p. 49-116.
- ⁶ Blaine Lee, *The Power Principle* (Nova York: Simon and Shuster, 1997), p. 52.
- ⁷ Michael Korda, *Power! How to Get It, How to Use It* (Nova York: Random House, 1957), p. 34.
- ⁸ Célia Allison Hahn, *Growing in Authority, Relinquishing Control: A New Approach to Faithful Leadership* (Bethesda, MD: The Alban Institute, 1994), p. 23.
- ⁹ Steven R. Walikonis, “The Phenomenon of Power in the Church: An Investigation and Analysis of the Relational Dynamics Experienced in the Context of the Assertion of Authority” (Tese doutoral, Andrews University, 2004).



Cristo na epístola de palha

O testemunho de Tiago sobre a divindade plena do Filho de Deus



Luiz Gustavo S. Assis

Capelão do Colégio Adventista de Esteio, RS

Em 1522, Martinho Lutero afirmou que a epístola de Tiago não continha nada de natureza cristológica. Não percebendo exaltação a Jesus Cristo e Sua ressurreição nessa obra, ele a chamou de “epístola de palha”.

Como adventistas e seguidores dos princípios da *Sola Scriptura* (somente as Escrituras como regra de fé e prática) e *Tota Scriptura* (inspiração total das Escrituras), discordamos do grande reformador. Porém, como considerar cristocêntrico um livro onde apenas duas vezes o nome de Jesus é mencionado (Tg 1:1; 2:1)?

Excelentes trabalhos sobre a cristologia de Tiago já foram publicados, mostrando que sua epístola está cheia de referências, diretas e indiretas, à pessoa de Cristo. Neste breve estudo, veremos as três principais referências e suas implicações para nossa fé.

“Até a vinda do Senhor”

A expressão “vinda do Senhor” (5:7-8) tem um importante valor cristológico para a obra de Tiago. No Novo Testamento, ela se refere ao segundo advento de Cristo (Mt 24:37, 39; 1Co 15:23; 1Ts 2:19; 4:15; 5:23; 2Ts 2:1, 2). A palavra grega utilizada por Tiago e que foi traduzida como “vinda” é *parousia*. Entre os gregos, *parousia* era um termo comum usado para descrever a visita de um rei em uma cidade ou província do seu reino. A aplicação deste termo a Jesus implica considerá-Lo como verdadeiro Rei que voltará ao mundo para estabelecer Seu reino.

Essa é uma das passagens mais emocionantes de toda a epístola. Diante de provações e constantes perseguições, Tiago aconselha seus leitores a esperarem com paciência até a “vinda do Senhor”. Através dos exemplos do agricultor (v. 7), dos profetas (v.10) e de Jó (v. 11), ele ilustra como deve ser tal espera. Cada um destes personagens é apontado pelo autor como símbolo perfeito de ardente expectativa, paciência no sofrimento e submissão a Deus nas dificuldades.

Essa deve ser a postura do povo de Deus até a manifestação do nosso Rei.

Restaurador e Salvador

Na menção do enfermo sendo restabelecido “em nome do Senhor” (5:14, 15), podemos ver outra referência implícita a Cristo, cujo nome é invocado na realização de curas, em várias passagens do Novo Testamento (At 3:6, 16; 4:10; 9:34).

Um ponto interessante em 5:15 é o uso do verbo “sal-

var”. Nas ocasiões em que utilizou esse verbo, Tiago se referiu à salvação final (1:21; 2:14; 4:12; 5:20). Essa não era uma informação nova para os cristãos. Nas curas realizadas por Jesus, o restabelecimento da saúde estava relacionado com salvação, isto é, perdão dos pecados. Exemplo deste modelo encontra-se em Marcos 5:34. Noutras palavras, o Senhor que cura é o mesmo que salva (perdoa).

Senhor da glória

Em Tiago 2:1, temos a segunda e última passagem de toda epístola que menciona explicitamente “Jesus”. O contexto é óbvio. Alguns cristãos estavam glorificando os ricos, enquanto os pobres eram menosprezados (2:2-4). Engrandeciam a glória deste mundo e não Aquele que nos glorificará (Rm 8:17).

Tiago 2:1 é um texto de difícil tradução. Há três possíveis leituras da parte final do texto: 1) “fé gloriosa”; 2) “Jesus Cristo, a Glória”; 3) “glorioso Senhor” ou “Senhor da Glória”. As duas primeiras apresentam diversos problemas para serem adotadas. Já a terceira parece ser a melhor tradução.

Apesar da ausência do título “Senhor da Glória” no Antigo Testamento, ele é visto na obra pseudépígrafa 1 Enoque. Embora não seja inspirada, a literatura pseudépígrafa é útil para compreendermos o pensamento judaico no período anterior ao Novo Testamento. Em 1 Enoque, por sete vezes Deus é chamado de “Senhor da Glória”. O que temos aqui é algo surpreendente. Tiago aplicou a Cristo um título dado ao Pai pelos judeus no período intertestamental. Paulo fez o mesmo em 1 Coríntios 2:8.

A compreensão que os autores cristãos têm de “glória” (*doxa*) está fundamentada no Antigo Testamento. Ali, glória tem o sentido da “luminosa manifestação da pessoa de Deus” trazendo salvação para Israel (Êx 14:17, 18; Sl 96:3; Is 60:1, 2; Ez 39:21, 22; Zc 2:5-11). Já no Novo Testamento, *doxa* é um termo de exaltação (Lc 9:32, 24:26; Jo 17:5; At 7:55; 1Co 2:8), revelação (Jo 1:14) e salvação escatológica (Mt 16:27; 24:30; Tt 2:13; 1Pe 4:13; Rm 8:17; Fp 3:21). O uso da forma “Senhor da Glória” por Tiago tem como objetivo demonstrar quem deve ser honrado: não “o rico que na sua insignificância passará” (1:10), mas o Senhor exaltado.

Assim, ao contrário da premissa de Lutero, o que vemos nessa epístola é uma exaltação da pessoa de Cristo. Nossa fé é fortalecida no Filho de Deus, que é apresentado como Rei, Salvador e Deus pleno (Cl 2:9). ❧

“Onde está o Cordeiro?”



Mervyn A. Warren

Professor de Homilética
no Oakwood College,
Estados Unidos

*Embora você
tenha fogo e
madeira, sem
Cristo Jesus,
seu sermão não
passa de um
vazio verbal*

O pastor deve tê-lo mencionado, mas eu não me lembro. Não posso imaginar que Ele não esteja presente em qualquer sermão, muito menos que estivesse ausente naquele. O que me vem vividamente à memória sobre aquele culto de minha infância, naquele distante sábado, é o estilo dramático com que o jovem pastor de minha igreja em Dallas balançava suas mãos, segurando uma faca e exclamava: “Abraão! Abraão! ... Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não Me negaste o filho, o teu único filho” (Gn 22:11, 12). Então, o pastor recitou o costumeiro “Jeová jireh” (o Senhor proverá), enfatizando que, em nossas necessidades, Deus sempre estará presente e a tempo.

Hoje, lembro-me daquele sermão, tão vividamente como no dia em que pela primeira vez o ouvi, há mais de quatro décadas. Embora ele me satisfizesse naquela época, em minha reflexão atual, faltou alguma coisa, ou pelo menos algo especial não ocupou o palco central. Lembro-me de Isaque, a oferta planejada, assim como do carneiro preso entre os arbustos, a oferta preparada. Mas, não me lembro de Jesus Cristo, a Oferta profética. Como a história de Gênesis 22 me revela agora, o ápice da narrativa sobre Abraão e Isaque não é apenas que Deus satisfaz nossas necessidades materiais, por mais verdadeiro que isso seja, mas que Ele provê para nós um *Cordeiro* – morto desde a fundação do mundo – Cristo nosso Senhor.

Ellen G. White culmina essa tocante narrativa aplicando-a ao “mistério da redenção” e à “maravilhosa providência que Deus tomara para [nossa] salvação”.¹

Questão antiga

Carregando nos ombros a madeira para o altar, Isaque viu nas mãos de seu pai uma faca, material para o fogo, embora não visse nenhum animal nem imaginasse a parte crucial prevista para ele mesmo naquele ritual. Então, falou ternamente algumas palavras, como se quisesse lembrar ao desatento pai algo que ele houvesse esquecido: “Meu pai... Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?” (Gn 22:7).

Essa é uma pungente interrogação, válida também para o púlpito. Na verdade, é um espinho em nossa pregação hoje. Seu sermão pode ter *fogo*, e isso é louvável. Que seria da pregação sem o “sentimento” e o “envolvimento emocional” do pregador? Onde a pregação estaria, sem calorosa receptividade, participação e resposta da audiência e sua interação com o pregador? Se você tem fogo, não o apague. Há um sentimento de que “não é possível explicar a ciência da salvação; pode-se, no entanto, conhecê-la por meio da experiência”.² E mais: “Ardor e energia são essenciais no apresentar a verdade bíblica, o evangelho, que é o poder de Deus para salvação...”³ “Não mostraremos possuir certo entusiasmo em Seu serviço?”⁴ Então, mantenhamos o fogo aceso.

Quero crer que você também tem *madeira*, pois isso também é vital – é a viga resistente do pensamento, raciocínio e conhecimento. Quando Dwight L. Moody pregava na Inglaterra, uma mulher sarcasticamente lhe disse: “Sr. Moody, o Senhor pode agir sem sua erudição”, ao que Moody respondeu: “Sim, senhora. E sem sua ignorância

também.” Ellen White nos aconselha a nos tornarmos cristãos inteligentes⁵ e a termos “fé inteligente”.⁶ Diz-nos que o serviço de Deus necessita “inteligente piedade”⁷ e que Ele é melhor glorificado “por aqueles que O servem com inteligência”.⁸

Estou convencido de que devemos evitar falar acima da compreensão do povo, pois Cristo disse: “Alimenta Minhas ovelhas”. Mas, esse é apenas um lado de nosso desafio. A natureza da condição humana parece nos manter diante de dualismos e dois lados de toda questão. Assim, nunca é demais realçar a necessidade de “pregação inteligente”. Tem você *madeira*? Se você possui a madeira da inteligência convertida, por todos os meios aplaine-a, trate-a, preserve-a e construa sobre ela.

Além disso, embora você possa ter fogo e *madeira*, uma questão permanece atormentando e alfinetando seu púlpito, assombrando sua alma de pregador: “Onde está o *Cordeiro*?” Que lugar Jesus Cristo ocupa em sua pregação? De acordo com alguns teólogos e eruditos da Homilética, o modelo ideal já foi estabelecido pelo próprio Deus, o Pregador do “primeiro sermão”, conforme relatado em Gênesis 3:15. Falando diretamente a Satanás transformado em serpente, Ele declarou: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o Seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar.”

Essa invectiva contra Satanás contém, no seu âmago, a promessa de salvação. É a primeira proclamação do evangelho. E, para nossos primeiros pais e sua descendência, a promessa da “semente” ou “descendência” da mulher, culminando no sacrifício de nosso Senhor, no Calvário.

Uma palavra-chave que durante décadas tem sido mencionada nos círculos teológicos é *kerygma* (proclamação). Ela nos lembra a proclamação da mensagem central da Escritura por um arauto ou mensageiro. Alguém já sugeriu que, se programássemos um computador para resumir a mensagem que, como fio de ouro perpassa toda a Bíblia, esse computador nos mostraria a proclamação do evangelho. Martin Kahler, teólogo alemão, que tinha muito a dizer sobre Cristo e *kerygma*, entendia que “a *kerygma* sem Jesus é um vazio verbal, e Jesus sem a *kerygma* é uma consoante surda insignificante”.⁹



Como soa a *kerygma*? De que modo é expressada? Entre as antigas expressões populares de conteúdo kerigmático nas Escrituras, está a seguinte, mencionada por Archibald Hunter: “As promessas de Deus feitas a Seu povo no Antigo Testamento estão agora cumpridas. O Messias, longamente esperado, já veio, nascido da linhagem de Davi. Ele é Jesus de Nazaré, que veio fazendo o bem e realizando atos milagrosos pelo poder de Deus; foi crucificado de acordo com o propósito divino; ressuscitou da morte e foi exaltado à direita do Pai. Retornará em glória, para julgar. Portanto, todos os que ouvirem essa mensagem, arrependam-se e sejam batizados para perdão de seus pecados.”¹⁰

Incompreensivelmente, alguns pregadores, inclinados a ser mais doutrinários na interpretação bíblica, parecem querer expandir a declaração evangélica resumida por Hunter, para incluir nela mais de suas crenças fundamentais particulares. Em todo o caso, nosso ponto aqui é que o tema da *kerygma*, independentemente de qualquer tendência doutrinária particular, é Jesus Cristo, como única esperança de salvação.

Resposta histórica

Em nossa história denominacional, provavelmente, hoje, não menos que antigamente, tenhamos alguns problemas com a pregação e o ensino cristocêntricos. Volte a 1888 e encontrará impasses entre os conceitos de justificação pela fé em Cristo e justificação pela fidelidade à lei, confiança em Jesus e confiança na obediência. Você deve se lembrar dos acalorados embates que ocorreram, levando Ellen G. White a comentar que, se Jesus Cristo aparecesse naquele cenário, teria sido crucificado novamente.¹¹

Entretanto, ela permaneceu firme, apelando pela centralização de Cristo no púlpito e na vida prática dos crentes: “Fé em Cristo como a única esperança para o pecador tem sido largamente deixada fora, não apenas dos sermões apresentados, mas da experiência religiosa de muitos que professam crer na mensagem do terceiro anjo”.¹² Em consequência disso, muito da pregação naquele tempo era desprovida de Cristo. Posteriormente, ela estabeleceu o seguinte imperativo: “Deixemos que a lei cuide de si mesma. Temos trabalhado com a lei até ficarmos tão secos como os montes de Gilboa... Confiemos nos méritos de Cristo... Permita Deus que

nossos olhos sejam ungidos com colírio, de modo que possamos ver.”¹³

Em seu artigo intitulado “Cristo, o centro da mensagem”, que lhe rendeu muitas críticas, ela escreveu: “A mensagem do terceiro anjo requer a apresentação do sábado do quarto mandamento, e esta verdade tem de ser levada perante o mundo; mas o grande centro de atração, Jesus Cristo, não deve ser deixado fora da mensagem do terceiro anjo. Por muitos que se têm empenhado na obra para este tempo, Cristo foi feito secundário, e deram o primeiro lugar a teorias e argumentos. A glória de Deus, revelada a Moisés, acerca do caráter divino, não tem sido feita preeminente. ...

“Pretendemos ter sempre a última palavra sobre todas as coisas. Mas o povo que nos ouve espera que conheçamos a primeira coisa sobre Cristo”

“Parece que tem havido um véu diante dos olhos de muitos que têm trabalhado na causa, de modo que, ao apresentarem a lei, não tinham uma visão de Jesus, e não proclamavam o fato de que, onde o pecado abundou, superabundou a graça. É junto à cruz do Calvário que a misericórdia e a verdade se encontram, que a justiça e a paz se beijam. O pecador tem de sempre olhar ao Calvário; e com a fé simples de uma criancinha, tem de descansar nos méritos de Cristo, aceitando Sua justiça e crendo em Sua misericórdia.”¹⁴

Outra observação inspirada representou uma alegoria homilética nas ofertas de Caim e Abel: “Muitos de nossos pastores têm apenas feito sermões, apresentando os assuntos por meio de argumentos, e mencionando pouco o poder salvador do Redentor. Seu testemunho é destituído do sangue salvador

de Cristo. Sua oferta assemelha-se à de Caim. Trazem ao Senhor os frutos da terra, os quais são, em si mesmos, aceitáveis aos olhos de Deus. Muito bom é, na verdade, o fruto; mas, a virtude da oferta – o sangue do Cordeiro morto, representando o sangue de Cristo – isso falta. O mesmo acontece com sermões destituídos de Cristo. Os homens não são por eles aguilhoados até ao coração; não são levados a indagar: Que devo fazer para me salvar?”¹⁵

Alguns historiadores vêem certa ligação entre a decidida postura da Sra. White sobre pregação e ensino cristocêntricos e o fato de ela ter sido enviada à Austrália em 1891. Ao aceitar aquela designação missionária, ela admitiu não ter recebido nenhum sinal de Deus a esse respeito, mas foi para a Austrália, confiando nEle e conforme seu propósito de cooperar com a liderança da Igreja. Em 1892, seu livro *Caminho a Cristo* foi publicado pela F. H. Revell Company, e não pela editora que anteriormente publicava suas obras.

Embora nossa igreja tenha progredido ultimamente na focalização da justificação pela fé, ainda existem batalhas em algumas frentes.

Resposta moderna

Atualmente, muitas de nossas igrejas adotam a prática litúrgica de a congregação recitar uma “profissão de fé”. Tenho testemunhado que, em muitos lugares, tal procedimento é limitado à recitação oral do quarto mandamento. Ora, se o tempo é escasso, a ponto de não permitir uma repetição de todas as nossas crenças principais, por que não repetir: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16)? Ou: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4:12)?

Indiscutivelmente, a observância do sábado é fundamental em nossas crenças e será “a pedra de toque” a demarcar o limite entre os adoradores do verdadeiro Deus e os adoradores da besta. Mas, limitar sua profissão de fé à recitação do quarto mandamento pode suscitar o problema de quem (ou o que) você vê como seu Salvador: Cristo ou o sábado? Jesus anseia ocupar o centro de nosso culto e nossa pregação.

Que significa pregar Cristo? Certamente, é infinitamente mais que apenas pronunciar Seu nome, carregando-O superficialmente na ponta da língua, ou ligando-O arbitrariamente a alguma convicção pessoal. Um exemplo extremo de pregar Cristo, sem usá-Lo ou aplicá-Lo erroneamente, é uma declaração que ouvi recentemente de um pastor a quem foi perguntado o seguinte: “Por que não podemos ir ao cinema, nem podemos usar batom nem jóias?” Ele foi simples e direto: “Porque Cristo ensinou assim e isso é tudo o que necessitamos saber”. Não argumentou, não apresentou nenhum “raciocínio lógico”, nenhuma persuasão. Apenas a autoridade de Cristo.

Pregar Cristo é algo mais profundo que a conveniente menção de Seu nome para preencher o que falta ao pregador, em sua tentativa de afetar o pensamento dos ouvintes ou sua inabilidade para interpretar com responsabilidade a Bíblia. Nesse caso, você não passa de um ameaçador no púlpito. Frequentemente, penso que você e eu, como pregadores das mensagens angélicas, deveríamos não beneficiar do que chamo de “teologizar a partir do nada” – começando do zero, sem nada para falar, a não ser Jesus Cristo, e então trabalharmos com nós mesmos, a partir dEle, e adicionar apenas o que for absolutamente necessário para um relacionamento salvífico com o Senhor no contexto do nosso tempo.

O engajamento nesse tipo de reflexão teológica prática pode se provar não apenas restaurador, mas também nos ajuda a descobrir o que é autenticamente cristão e o que pode ser excesso de bagagem na nossa pregação. Com isso, estou desafiando a sairmos de nossa tradicional abordagem de confrontar os conversos em perspectiva, e mesmo cada um de nós, com base em “coisas para crer”, ou numa constelação de coisas que se deve “fazer e não fazer”, para um começo com “Cristo em quem eu creio”. Estou falando de relacionamento salvador com Deus. Sim, descobriremos um caminho pelo qual Ele pode ser feito o tema de um estilo cristão de vida sem usar inadvertida e vagamente Seu nome.

Eu poderia definir ou descrever a pregação cristocêntrica como proclamação do Antigo Testamento, como promessas do Messias profetizado inicialmente em Gênesis, e proclamação do Novo Testamento, como cumpri-

mento daquelas promessas junto às reivindicações que Jesus Cristo continua a fazer de nossa vida pessoal.

A experiência de John Killinger, meu ex-colega de Homilética na *Vanderbilt Divinity School*, pode nos ajudar. Depois de servir por mais de uma década como professor no Seminário, ele resolveu assumir o pastorado de igrejas. Depois de liderar várias congregações, ele descreveu uma delas nos seguintes termos: “Nunca em sua vida eles [os membros] se deixaram confrontar pelo Espírito de Cristo, com o propósito de escolher entre dar seu coração a Ele ou continuar pelo restante da vida centralizados em seus objetivos e desejos egoístas. A temperatura espiritual da congregação tinha sido conservada resolutamente um pouco acima do congelamento, suficientemente fria para retardar a putrefação, mas morna o bastante para sugerir que a religião precisava se tornar algo quente em sua vida. Mesmo aqueles que tinham experimentado um encontro com Jesus e iniciado uma jornada cristã com algum entusiasmo, geralmente, perdiam o ardor naquele clima frio e úmido.” Qual foi a solução encontrada por Killinger? Eis suas palavras:

“Acabei compreendendo que todo sermão que eu pregasse devia ser cristocêntrico e ser direcionado à conversão de vidas. Eu não deixaria de pregar sobre oração, vida devocional, situações ou necessidades sociais, mas direcionaria todo sermão de modo que meus ouvintes fossem compelidos, antes de qualquer coisa, a Cristo. Um sermão sobre oração seria intitulado ‘O chamado de Cristo à oração’. Ao falar sobre vida transformada, o sermão teria como título ‘O poder transformador de Cristo’. O fato é que algo aconteceu em mim e em minha congregação. Começamos a sentir uma Presença extra em nosso culto e nossos relacionamentos. Aquela Presença era quase tangível.”¹⁶


Quando penso nessa experiência, faço uma comparação entre Killinger e aqueles entre nós que exercemos o pastorado, seja no Seminário, seja na congregação. Concluo que muitos de nós reivindicamos ter a última palavra sobre todas as coisas, enquanto o povo que nos ouve espera que conheçamos a primeira coisa sobre Jesus Cristo.

Acaso, é surpreendente que o apóstolo Paulo tenha dito aos coríntios: “Porque não nos pregamos a nós mes-

mos, mas a Cristo Jesus como Senhor” (2Co 4:5), e “nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (1Co 1:23)? Charles Spurgeon frequentemente dizia a seus estudantes: “onde quer que você esteja em seu sermão, desvie o mais rápido possível para o Calvário”. Karl Barth foi solicitado a resumir meio século de sua vasta reflexão teológica e, sem hesitar, ele respondeu: “Jesus me ama, isso eu sei, pois a Bíblia assim me diz”.

James Stewart, famoso pregador escocês, costumava dizer: “Pregue Cristo hoje e sempre, apresentando o desafio de Seu convite imperial. Algumas vontades serão assustadas, outras ficarão ofendidas, e outras se curvarão reverentes a Seus pés.” Sim, Cristo é a resposta.

Onde está o Cordeiro? Deus já proveu o Cordeiro morto, oferecido por nossos pecados, desde a fundação do mundo.

Onde está o Cordeiro? Posso imaginar um carneiro preso nos garranchos do preparo de seu sermão, apontando ao eterno Cordeiro de Deus. “E pôs Abraão por nome àquele lugar – O Senhor Proverá. Daí dizer-se até ao dia de hoje: No monte do Senhor se proverá” (Gn 22:14). Sim, Deus proveu um Cordeiro no monte Moriá e também no monte Calvário. Hoje, do monte dos nossos púlpitos, em todo e qualquer lugar em que estejam construídos, de qualquer lugar em que a Palavra de Deus seja proclamada, ergamos o Cordeiro e deixemos que Ele seja visto. 

Referências:

- 1 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 155.
- 2 _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 495.
- 3 _____, *Mensagens Escolhidas*, v. 2, p. 59.
- 4 _____, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 371.
- 5 *Ibid.*, p. 504.
- 6 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 162.
- 7 _____, *Mensagens aos Jovens*, p. 42.
- 8 _____, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 361.
- 9 Carl E. Braaten, *New Directions in Theology Today* (Westminster Press, 1966), v. 2, p. 62.
- 10 Archibald Hunter, *Introducing the New Testament* (Westminster Press), p. 30.
- 11 Ellen G. White, *Special Testimonies*, série A, nº 6, p. 19, 20.
- 12 _____, *Manuscrito 24*, 1888; (Washington DC: E. G. Estate, 1988), v. 1, p. 203-229; *Review and Herald* 04/09/1888.
- 13 Ellen G. White, *Manuscript 10*, 06/02/1890.
- 14 _____, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 383, 384.
- 15 _____, *Obreiros Evangélicos*, p. 156.
- 16 John Killinger, “What it means to preach Christ”, sermão apresentado na Escola de Pastores Batistas, Universidade de Richmond, Virgínia, 10/07/1985.

Partilhando esperança

Zinaldo A. Santos
Editor de Ministério

*Um projeto que
une a igreja
sul-americana
em torno da
proclamação
maciça do
segundo advento*

Em seu livro *Vivendo Sem Máscaras*, Charles R. Swindoll conta a história de um soldado de 24 anos que, durante dois anos, viveu em um campo de prisioneiros dos vietcongues. De início, o jovem resistiu bem às intempéries, motivado pela esperança de libertação. Seus captadores lhe prometeram, desde que partilhasse informações sobre planos estratégicos do exército ao qual servia. Tendo percebido que isso já havia acontecido com outros prisioneiros, o jovem resolveu colaborar. Porém, o tempo passava e ele não via sinais de cumprimento da promessa. Quando teve certeza de que fora enganado, sua personalidade ruiu, e ele se tornou um autômato. Não queria trabalhar, nem se alimentar, muito menos ouvir palavras de ânimo de quem quer que fosse. Passava o tempo deitado, chupando o dedo polegar. Em poucas semanas, morreu. Enquanto teve esperança, sobreviveu. Quando esta se foi, sucumbiu.

Alguém já disse que, “se tirarmos a riqueza de um homem, nós o frustramos. Se retirarmos o objetivo, diminuímos seu ímpeto. Mas, se tirarmos dele a esperança, nós o imobilizamos. Sem esperança, não prosseguirá”. De fato, sem esperança, para onde vai nosso mundo? Decepcionada com os modelos políticos e econômicos vigentes, frustrada pelo vazio dos conceitos liberalizantes e relativistas da época, acuada pela escalada de vícios que geram violência e degradação moral, para onde vai a sociedade na qual estamos inseridos? Que direção lhe devemos apontar como saída para os conflitos familiares, enfermidades e morte, bem como para as tragédias ecológicas e calamidades naturais?

Desesperados, muitos parecem ter sucumbido ao pessimismo do filósofo Schopenhauer, que dizia: “A vida não leva o seu fardo. É uma desventura nascer, e morrer é uma sorte. A morte é destruição, mas a destruição é a única salvação.” Quem lhes dirá que nem tudo está perdido? Que, apesar de tudo, no horizonte das angústias terrestres brilha uma esperança perfeita e firme, descrita como “bendita esperança” – a esperança da volta de Cristo Jesus? Certamente, o povo que foi chamado à existência com a missão de proclamá-la.

Impulsionada pela consciência dessa vocação sagrada, a liderança da Igreja Adventista na América do Sul planejou envolver cada congregação, servidor, instituição e membro voluntário no *Projeto Impacto Esperança*. O objetivo do projeto é dizer à sociedade, de modo altissonante e através de várias ações, que o retorno de Cristo é uma realidade alvissareira e quase presente. O “dia D” está marcado: 6 de setembro. Contudo, o plano estabelece etapas de preparo e continuidade.

Sob a inspiração da experiência de comunhão e conscientização missionária que mobilizou a igreja apostólica, o *Projeto Impacto Esperança* realça, na igreja sul-americana, as características missionárias para os últimos dias, conforme descritas por Ellen G. White:

Movimento de massa – “Viam-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus. Os corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de genuína conversão. Portas se abriam por toda parte para a proclamação da verdade. O mundo parecia

iluminado pela influência celestial” (Serviço Cristão, p. 42).

Sentido de urgência – “Cada hora alguns passam para além do alcance da misericórdia. E onde estão as vozes de aviso e rogo, mandando o pecador fugir desta condenação terrível? Onde estão as mãos estendidas para o fazer retroceder do caminho da morte? Onde estão os que com humildade e fé perseveran-

te intercedem junto a Deus por ele?” (Patriarcas e Profetas, p. 140).

“Façam soar o alarme. Digam às pessoas que o dia do Senhor está perto, e apressa-se grandemente. Ninguém fique sem ser advertido... Não temos tempo a perder” (Evangelismo, p. 218).

Participação de todos – “Todo seguidor de Jesus tem uma obra a fazer como missionário de Cristo, na família,

na vizinhança, na vila ou cidade em que reside” (Ibid., p. 18).

Ação concentrada – “Tem de haver uma ação concentrada. ... Temos que conjugar esforços” (Ibid., 75).

Distribuição de literatura – “Pastores e o povo devem empenhar-se na circulação de livros, panfletos e folhetos, como nunca antes” (Testemunhos Para a Igreja, v. 1, p. 690).


Esperança passo a passo

Nas fases de preparação, concretização e continuidade do projeto, as igrejas, devidamente mobilizadas, treinadas e equipadas por seus respectivos pastores, devem obedecer à seguinte estratégia segundo o plano da DSA:

Dia 30 de agosto	Jornada de oração intercessora em favor das pessoas que serão visitadas (amigos, familiares, ex-adventistas e novos interessados).
	Organização de duplas missionárias, para distribuição de 20 milhões de revistas especiais sobre a volta de Jesus.
	Divulgação do evento pela TV Novo Tempo, em programação especial.
	Nesse dia, dez mil <i>outdoors</i> já devem estar expostos, bem como automóveis circulando com um milhão de adesivos sobre a campanha.
	Realização de um jejum em favor do projeto.
Dia 6 de setembro	Escola Sabatina abreviada e culto especial, inspirando os membros a saírem, se possível, ainda pela manhã, para distribuição das revistas sobre a volta de Jesus.
	Transmissão, via satélite, de mensagem missionária pelo canal executivo da TV Novo Tempo.
	Distribuição das revistas, à tarde.
	Cobertura ao vivo para toda a América do Sul (TV e Rádio Novo Tempo, e internet – www.portaladventista.com)
Dias 7 a 13 de setembro	Reunião de pequenos grupos. Convidar os amigos que foram contatados e estudar uma lição especial sobre a volta de Cristo como a grande esperança para o mundo.
	O sábado dia 13 será o “Dia do amigo”, para o qual devem ser convidadas as pessoas que foram contatadas durante a semana. Realizar uma programação especial, apresentar um sermão evangelístico sobre a volta de Cristo e fazer apelo para o batismo da Primavera.
	Estender convite para participação nas classes bíblicas da igreja.
Dias 20 a 28 de setembro	Motivar cada igreja organizada a levar ao batismo seis pessoas, durante a Primavera.
	Motivar cada grupo a levar três pessoas ao batismo, na mesma ocasião.
	Como existem 8.836 igrejas organizadas e 10.684 grupos, no território da Divisão Sul-Americana, o objetivo é levar 88 mil pessoas a Cristo na Primavera.

Todo o projeto terá o apoio de intensa campanha publicitária, através de cartazes, folhetos, literatura denominacional, internet, Rádio e TV Novo Tempo, e será executado segundo o conceito de evangelismo integrado, prevalecente na DSA: envolvimento de todos os departamentos, igrejas, instituições, pastores, administradores,

educadores e servidores em geral. Isso significa que nos manteremos dentro da orientação inspirada, no sentido de que “quando amplos planos estiverem sendo feitos, grande cuidado deve ser tomado para que cada ramo da causa esteja harmoniosamente unido a outro, formando assim um todo perfeito” (Testemunhos Para a Igreja, v. 5, p. 726).

Um projeto de tal magnitude requer que, como pastores e líderes, todos nós estejamos conscientes e dispostos a assumir nosso papel de promotores, arregimentadores, instrutores, motivadores, capacitadores e, sobretudo, exemplo pessoal de envolvimento, em função do êxito almejado. O Senhor espera que cumpramos nosso dever. 

Respeite seus limites



Alberto D. Nery

Capelão do Colégio Adventista de Cotia, na Associação Paulistana

*Muitos pastores
são vítimas de
esgotamento
emocional e
desgaste físico,
e acabam
abreviando sua
vida útil na
Causa de Deus*

O pastor X tem enfrentado muitas lutas. Aos 57 anos de idade, pode olhar o passado e se deparar com um ministério frutífero e abençoado. Mas, ao mesmo tempo, sente o grande peso da responsabilidade que carrega ao ocupar um importante cargo administrativo na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Conhecido por seu idealismo e por sua grande disposição, o pastor X é o tipo de homem que, não importando quanto tenha trabalhado no fim de semana, segunda-feira pela manhã está no escritório, pronto para mais um dia de trabalho. Seu lema é: “Gastar-se e se deixar gastar no serviço do Senhor.”¹ Ao exercer sua função, tem enfrentado muitas pressões lidando diariamente com os problemas e as necessidades da Igreja. Como resultado, sua saúde tem se debilitado e ele já não é mais o mesmo.

Não se alimenta adequadamente, perdeu a alegria e passa grande parte do tempo concentrado em seus sentimentos negativos. Enfrenta problemas circulatorios e a insônia o incomoda com frequência. Não é raro ficar de duas a três noites sem dormir.²

Sua esposa já o aconselhou sobre o risco de se desgastar tanto, mas ele ignorou o aviso. Ao conversar com o filho mais novo do casal, ela chegou a afirmar: “Lamento pelo seu pobre pai...”³

Os problemas de saúde resultantes do excesso de atividades não são novidade na vida do pastor X. Aos 44 anos, passou por uma situação semelhante. O desgaste o levou a uma crise nervosa que o deixou de cama por quase dez dias. Depois disso, chegou a enfrentar uma falta de disposição crônica que durou quinze meses.⁴

O pastor X tem procurado auxílio com médicos e clínicas, mas não tem obtido grande melhora. Atualmente, os problemas de saúde são tão grandes que o impediram de participar de uma reunião administrativa. Mandou uma carta lamentando a ausência.⁵

Se o relato anterior não correspondesse à realidade de um personagem histórico na Igreja Adventista do Sétimo Dia, no distante ano de 1878, poderia ser aplicado a muitos pastores da mesma denominação em seus diferentes níveis de atuação. O pastor mencionado é Tiago White, na ocasião, presidente da Associação Geral. Em 6 de agosto de 1882, ele faleceu. “Durante quatro décadas de exaustivas e esgotadoras atividades, viu sua saúde muitas vezes comprometida e sua existência ameaçada. Aos 60 anos, contudo, uma doença fatal o prostrou. O seu corpo cansado não possuía mais resistência suficiente para combater os avanços da enfermidade.”⁶

Assim como aconteceu com Tiago White, nos dias de hoje muitos pastores têm enfrentado esgotamento emocional e desgaste físico além dos limites que podem suportar, e acabam abreviando sua vida útil na causa de Deus.

Alguns fatores são determinantes no processo de esgotamento emocional e físico dos pastores. Entre eles, citamos:

1. A distância entre o ideal e a realidade

Por mais dedicado que seja, um pastor sempre tende a cultivar o sentimento de que poderia ter feito melhor seu trabalho. Trabalhar para um Deus perfeito leva muitos a terem um ideal de perfeição no que fazem. Porém, esse é um ideal inalcançável, e o

esforço em tentar alcançá-lo transforma-se em frustração por não ter conseguido. As expectativas em relação aos pastores são altas. A igreja espera muito deles e eles esperam muito de si mesmos. Isso os torna vulneráveis.

2. Acúmulo de emoções variadas

Faz parte da rotina pastoral estar junto às pessoas nas situações mais diversas. Num mesmo dia, ele pode viver a alegria de um casamento ou festa de aniversário e a tristeza de um leito de hospital ou de uma cerimônia fúnebre. Essa gangorra emocional e a empatia que precisa demonstrar em situações ambivalentes podem levá-lo a um sofrimento emocional intenso.

3. Indefinição quanto às suas responsabilidades

Muitos pastores encontram dificuldades em determinar quais devem ser suas principais funções na rotina de trabalho. Algumas vezes, acumulam responsabilidades que devem ser delegadas. Noutras, deixam de realizar outros aspectos do trabalho. Os pastores tentam dividir seu tempo entre a administração de recursos humanos e a promoção de projetos denominacionais. A multiplicidade de papéis e de tarefas é fator de grande influência no processo de esgotamento físico e emocional.

4. Excesso de trabalho

Recomenda-se a um trabalhador comum que trabalhe, em média, 40 horas semanais. No entanto, entre grande parte dos pastores a média varia entre 45 e 70 horas.⁷ O trabalho excessivo compromete o tempo disponível para a família, lazer e até mesmo comunhão pessoal com Deus. O resultado é um indivíduo com pouca saúde e disposição para enfrentar os desafios pastorais.

5. Conflito entre ser líder e servo ao mesmo tempo

Muitas vezes, o pastor se depara com esse dilema. Como um servo tão pecador como os outros pode servir de líder e modelo para uma congregação? Esse conflito interior pode levar o pastor a cultivar sentimentos auto-depreciativos, e a sentir-se incapaz e indigno de exercer sua função.

6. Empenho na resolução de conflitos interpessoais

Um dos aspectos mais desgastantes do pastorado é a tarefa de apaziguar e resolver conflitos interpessoais. Embora sejam constantemente solicitados para ouvir as pessoas e lhes dar apoio espiritual e emocional, na maior parte

das vezes, os pastores se sentem desamparados em relação aos seus próprios conflitos. Relutam em buscar auxílio, por temerem uma quebra de confidencialidade, ou por imaginarem que a expressão dos sentimentos pode ser vista como demonstração de fraqueza, diante dos superiores.

O fato é que o esgotamento emocional e físico gera uma série de males: fadiga crônica, dor de cabeça, insônia, hipertensão arterial, impotência sexual, distúrbios gastrintestinais, perda de peso, dores musculares e de coluna, estresse, agressividade, falta de realização pessoal, baixa auto-estima, incapacidade de concentração, sentimentos depressivos, conflitos no ambiente de trabalho e dentro da própria família.

Como enfrentar a situação

Diante desse quadro surge a pergunta: O que pode ser feito para ajudar o pastor a lidar melhor com tais questões e ter boa saúde física e emocional? O primeiro passo é reconhecer o problema. Através de uma avaliação pessoal, cada pastor deve buscar identificar os principais fatores relacionados à sua rotina e hábitos de trabalho que o têm levado a essa condição. Depois, deve tratar de fazer as mudanças necessárias. Algumas sugestões são:

- ◆ Buscar alimento espiritual cada dia. A comunhão diária traz alívio ao cansado. A orientação divina torna a pessoa capaz de adotar uma rotina equilibrada e compatível com sua condição física.

- ◆ Tomar tempo para si mesmo e para a família. Ter momentos para descansar e se dedicar a atividades que tragam satisfação pessoal e familiar fora do trabalho. Em uma tentativa de recuperar a saúde, em julho de 1878, Tiago White foi descansar no Colorado. Ellen não estava junto, mas o aconselhou através de uma carta enviada ao filho: "Não considerem este tempo de recreação como obrigação ou trabalho penoso. Esqueçam o trabalho. Abandonem a escrita. Vão ao parque e vejam tudo quanto possam... Livrem-se das preocupações, e voltem a ser garotos livres de inquietações..."⁸

- ◆ Procurar o equilíbrio na alimentação, sono e exercícios físicos. Um estilo de vida saudável é essencial para suportar as pressões da vida pastoral. Ellen G. White afirma: "Vi que quando sobrecarregamos nossas forças, trabalhamos demais e nos cansamos muito, nós ficamos

resfriados, e nessas ocasiões corremos o perigo de que as doenças tomem uma forma perigosa. Não devemos confiar o cuidado de nós mesmos a Deus para que Ele cuide daquilo que Ele nos encarregou de vigiar e cuidar. Não é seguro, nem agrada a Deus que violemos as leis da saúde, pedindo então que Ele cuide de nossa saúde e nos livre de doenças quando, estamos vivendo diretamente ao contrário de nossas orações."⁹

Em abril de 1878, quando Tiago White encontrava-se debilitado, Ellen White teve uma visão na qual ele recebeu o conselho de um médico: "Orar é bom, mas viver de acordo com a oração é melhor... Seus próprios hábitos desordenados estão mantendo não somente você, mas também sua esposa afastados da obra para a qual Deus o chamou."¹⁰

- ◆ Procurar fazer parte de um pequeno grupo de oração e apoio espiritual. É muito importante que os pastores se reúnam para desfrutar momentos de oração e comunhão. O apoio do grupo e a troca de experiências podem contribuir na prevenção do esgotamento emocional.

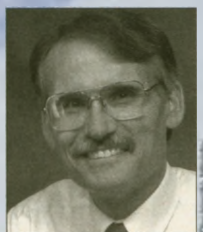
- ◆ Buscar ajuda. Na maioria dos casos, um bom amigo de ministério pode ajudar o pastor a lidar com seus problemas e a se reestruturar emocionalmente. No entanto, às vezes pode ser necessário o auxílio de um médico ou psicólogo a fim de dar o apoio necessário à restauração física e emocional.

Para cuidar bem do seu rebanho, primeiramente, o pastor precisa cuidar de si mesmo. Se estiver doente ou desmotivado, não conseguirá realizar bem o trabalho. Além disso, é importante lembrar que há uma íntima relação entre o esgotamento emocional e os hábitos de vida. Quanto mais o pastor desenvolver relacionamento com Deus e com a família, e maior cuidado tiver com a saúde física, mais bem preparado estará para lidar com as pressões do seu trabalho. ☘

Referências:

- ¹ Enoque de Oliveira, *A Mão de Deus ao Leme*, p. 219.
- ² Virgil Robinson, *James White (Review and Herald, 1976)*, p. 268.
- ³ *Ibidem*.
- ⁴ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 1, p. 582.
- ⁵ Virgil Robinson, *Op. Cit.*, p. 269.
- ⁶ Enoque de Oliveira, *Op. Cit.*, p. 220.
- ⁷ Pesquisa realizada pelo autor com pastores na cidade de São Paulo, em 2006.
- ⁸ Ellen G. White, *Carta 1*, 1878.
- ⁹ _____, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 280.
- ¹⁰ _____, *Carta 22*, 1878.

A profetisa e suas fontes



Kevin Morgan

Pastor na Carolina do Norte, Estados Unidos

*Primeira parte
de um estudo
sobre a acusação
de plágio nos
escritos de Ellen
G. White*

Em qualquer tribunal, todo acusado é inocente até que sua culpa seja provada. Mas, no tribunal da opinião pública, ele é culpado mesmo sem uma revisão cuidadosa dos fatos. Em 1980, Ellen G. White foi incluída na lista de grandes autores acusados de plágio.¹ Da relação constam Rudyard Kipling, Edgar Allan Poe, Henry Wadsworth Longfellow, Richard Henry Dana, Harriet Beecher Stowe, James Russel Lowell, Jack London, Martin Luther King Jr. e até William Shakespeare.²

Porém, o fato de um escritor incluir em suas obras palavras ou mesmo frases semelhantes às de outros autores não significa que ele seja um ladrão literário. Vejamos como pode ser isso.

A preocupação com direitos de propriedade intelectual é mais ou menos recente. Durante a Idade Média, o uso que um autor fazia das palavras de outro autor não apenas era comum, mas era até mesmo esperado. George Kennedy escreveu: “Escritos e oratória clássicos eram ... em grande medida uma pastiche, ou fragmentos de lugares-comuns reunidos. ... O estudante memorizava passagens enquanto lia um texto e fazia um discurso com esses elementos. ... Na Idade Média, manuais de oratória continham fórmulas, como abertura e fechamento, que o estudante podia inserir em um texto. Também havia uma série completa de formulários retóricos na Renascença.”³

Nos anos 1700, a preocupação com o plágio teve pouca mudança. De acordo com Albert C. Outler, a publicação por John Wesley do resumo da obra de outro autor foi vista por ele e por seus colegas do século 18 como forma de endosso, não plágio.⁴ William Charvat descreve os anos 1840 como uma era de “mercado de retalhos”.⁵ “Os semanários americanos extraíam do francês e do inglês. Em troca, os ingleses extraíam do francês e do americano.”⁶

O público e as mudanças

Na metade dos anos 1800, as coisas começaram a mudar. Eis como eruditos descreviam a situação: “Quanto mais leitores e escritores respeitavam a ‘originalidade’ como virtude artística absoluta, mais o espectro de culpa flutuava no horizonte dos escritores.”⁷ “Pode-se detectar certo avanço da preocupação com o plágio na metade do século 19. ... Escritores americanos anteriores à guerra civil tentaram elaborar os limites e possibilidades dos direitos autorais.”⁸

Uma vez que o sentimento público tinha mudado, o pêndulo oscilou muito, estorvando as obras de escritores talentosos. “Tennyson ficou horrorizado com um prosaico grupo crescente entre nós – editores de folhetos, devoradores de livros, caçadores de índex... [que] não permitiam a ninguém dizer ‘toque o sino’, sem achar que plagiavam a frase de Sir P. Sidney, nem usar uma expressão tão simples como ‘o oceano ruge’, sem considerá-la plágio de Homer ou Horácio. Esse ‘prosaico grupo’ enfrentado por Tennyson, Pope e outros era uma nova geração de eruditos, sem critérios, que banalizavam a literatura, distorciam a estética, buscavam prestígio e fama, não através da originalidade, mas impugnando a originalidade de escritores consagrados.”⁹

“Estúpidos, cuja carência de originalidade só é superada pela obsessão por pensamento literário, tornam-se leitores inveterados e automeados críticos. Para fazer propaganda de si mesmos, acusam escritores como Caine, Kiplin e até Shakespeare de plagiadores...”

“Na vida diária, existe algo como ‘semelhança inconsciente’... Na mecânica, o escritório de patentes poderia fornecer muitas provas não apenas de semelhança de projetos, mas de invenções idênticas simultâneas, de dois ou mais criadores em várias partes do mundo. ... Qual escritor pode se lembrar de tudo o que leu?...”¹⁰ Assim, os conceitos de “propriedade autoral” e “obra literária” levaram tempo para se desenvolverem.

No início dos anos 1900, as acusações de plágio foram desenfreadas. Mary Moss escreveu, citando Anatole France: “É um grande acaso, em nossos dias, pelo menos uma vez ao ano, um escritor não ser tratado como ladrão de idéias. ... A verdade é que as situações pertencem a todo o mundo. ...”¹¹

“As idéias não são propriedades exclusivas, que não possam ser tomadas”,¹² afirma Deena Weinstein, com o que Holly Newman concorda: “O fato é que conceitos e idéias estão disponíveis para que toda pessoa use como desejar. A Suprema Corte dos Estados Unidos estabeleceu que as idéias são livremente disponíveis, mas que a expressão delas pode ser protegida.”¹³

Quantas palavras são necessárias para se caracterizar o plágio? Depois de realizar alguns testes, a fim de pesquisar as habilidades literárias de estudantes, sem que eles pudessem recorrer a anotações feitas sobre assuntos conhecidos, McIver e Carroll

concluíram que “toda seqüência exata de 16 ou mais palavras que não sejam aforismo, poesia ou palavras de um cântico, certamente terá sido copiada de outro documento”.¹⁴

Porém, a preocupação com o número de palavras alheias utilizadas por alguém quase sempre soa artificial. De Martin Luther King é dito: “O púlpito negro forneceu a King ‘a hipótese retórica de que a linguagem é tesouro comum, não propriedade privada’.”¹⁵ De acordo com um artigo, nas monografias escolares de Luther King, há seis exemplos de plágio.¹⁶ A mesma fonte estabelece que em uma dessas monografias, “apenas 14 de 38 parágrafos estão livres de plágio literal”. Em outra, “apenas três dos 22 parágrafos restantes não estão repletos com plágio, freqüentemente parágrafos inteiros”.¹⁷ Em sua dissertação, há nove exemplos de plágio,¹⁸ e em seus discursos, cinco exemplos.¹⁹ Por causa de sua grande influência, essa descoberta aparentemente jamais abalou seu prestígio.

Semelhanças versus plágio

Nesta altura, convém perguntar: Em que situações as similaridades não são iguais ao plágio? A seguir, enumeramos alguns casos:

Quando o usuário da linguagem encoraja os leitores a conferir suas fontes. A descrição do alegado plágio relatado no *New Orleans Creole* estabelece que o Dr. Scott “transferiu para suas páginas sentenças inteiras de descrições, explicações, ilustração argumento e apelo”. Entretanto, ele foi defendido na base de que reconheceu suas fontes no prefácio de sua obra e que aconselhava os ouvintes de suas palestras a “procurar e ler” tais fontes.²⁰

Quando o usuário escreve de dentro do seu próprio gênero. Um artigo anônimo do jornal *The New York Times* se refere à acusação de que a romancista Katharine C. Thurston escreveu um romance a partir de uma idéia contida em uma obra publicada dezessete anos antes. Notando que “nada havia



particularmente original” em seu trabalho, o artigo continua dizendo que “o enredo e as situações envolvidas já se tornaram partes do estoque” dos escritores românticos.

“É muito fácil fazer acusações de plágio”, continua o artigo. “Todo jornal recebe muitas correspondências contendo acusações de pessoas bem-intencionadas e iradas, que não compreendem por que o editor não usa todos os seus recursos nessa causa. Frequentemente, homens e mulheres do mais alto padrão literário são cruelmente atacados.”

Quando o usuário da linguagem mostra independência de pensamento. Jack London foi interpelado judicialmente, acusado de ter plagiado um livro. Em sua defesa, J. Cosgrove, editor da revista *Everybody*, disse não considerar que London tinha recorrido ao plágio. “Ele possuía idéias muito próprias. No trato de assuntos semelhantes, podem ocorrer coincidências.” A editora que o interpelou retirou o processo.²²

Segundo Edward Fitzgerald, “não existe plágio, quando o usuário tem provado que poderia originar o material usado, e até com maior profundidade”.²³

Quando o usuário se expressa melhor que a fonte. “Em todo ramo de conhecimento, escritores e pensadores às vezes se apropriam das idéias de seus predecessores e se esforçam o máximo para melhorá-las. Depois, eu pergunto, quem conhece a fonte da informação?”, questiona um jornalista.²⁴ James Russell Lowell afirmou que “qualquer declaração passará a ser sua, desde que você a verbalize melhor”. Podemos aplicar isso aos escritos de Ellen White? É o que veremos a partir de agora.

Criptomnésia

Acusações de plágio surgem quando alguma semelhança de palavras é notada entre dois autores. Esse foi o caso, no fim dos anos 70, quando Walter Rea descobriu semelhanças entre os escritos de Ellen G. White sobre a vida de Cristo e os de outros escritores. Vamos examinar algumas formas pelas quais alguém pode duplicar as palavras de outros, sem que isso seja plágio.

Como podemos saber se passagens semelhantes estão relacionadas entre si? “Em dois romances publicados por duas editoras diferentes e editados quase na mesma data, havia dois parágrafos que eram quase precisamente idênticos

não apenas no significado, mas também em sua fraseologia.”²⁵ A estrofe de um poema publicado em maio de 1900 era a mesma de um poema não publicado, escrito em janeiro de 1899.²⁶

Certa escritora confrontou um crítico que a acusou de ter usurpado o título de um poema que tinha sido publicado anos antes do suposto original. “Os poemas não apenas eram idênticos no nome, o mesmo que constituía o refrão, mas seu tema era o mesmo; e o ritmo também era idêntico. O crítico ficou confuso.”²⁷ Existe um fenômeno chamado criptomnésia, ou plágio inconsciente, segundo o qual uma idéia pode se desenvolver em duas mentes, em linhas paralelas, produzindo resultados semelhantes.

Os pesquisadores Marsh, Landau e Hicks conduziram um estudo cujo resultado mostrou que “a coleção de informações e o relato de sua fonte original podem ser atos cognitivos separados”.²⁸

Segundo Allan S. Brown e Hildy E. Halliday, “existem dramáticas e sérias ocorrências de criptomnésia”.²⁹ Jung informa que “20 anos se passaram desde que Nietzsche ouviu uma história folclórica até sua utilização em um romance”. Hellen Keller ouviu uma história e, três anos depois, a escreveu como seu relato.³⁰

Independência de pensamento

Porém, “notar semelhanças é apenas o primeiro passo no estudo dos relacionamentos literários. É preciso também catalogar as diferenças; então, mais importante, perguntar que tipo de uso o segundo autor fez da obra do primeiro. Apesar de que ela [Ellen White] tenha utilizado Melville, seus escritos são mais que uma repetição dos ensinamentos dele”.³¹

Desde que Ellen White tinha escrito “a maioria das idéias comuns às do Dr. Stowe no tempo antes de escrever” *Manuscrito 24*, 1886, e porque “há diferenças significativas entre as teorias da revelação apresentadas pelo Dr. Stowe e a Sra. White, ela não estava se apropriando das idéias de outro homem”.³²

Consideremos sua utilização de Conybeare e Howson. Depois de comparar *Esboços Sobre a Vida de Paulo*, de Ellen White, e *Vida e Epístolas de Paulo*, de Conybeare e Howson, Denis Fortin escreveu:

“Nós ... [encontramos] evidências de que Ellen White conseguiu algum

material desses dois autores. Entretanto, devemos reconhecer que a utilização não foi feita de modo irresponsável. Ela utilizou informações arqueológicas, históricas e geográficas para suplementar seus pensamentos e descrições dos eventos que estava mencionando. Às vezes, ela parafraseou o material utilizado; noutras, as frases são mais substanciais; ainda algumas vezes, as passagens utilizadas são quase literais, ou seguindo a mesma linha de pensamento.

“Todavia, também parece evidente que ela utilizou o que necessitava e descartou o que não cabia em seu pensamento. Esse estudo comparativo omite longas seções dos capítulos de Ellen White, porque não existem paralelos com os de Conybeare e Howson. Além disso, devemos notar que Ellen White frequentemente reajustou o esboço e os pensamentos de Conybeare e Howson. Ela tomou material de diferentes páginas ou capítulos e os alinhou à sua maneira. Muitos estudantes que hoje realizam pesquisas não tomam tempo para reelaborar os pensamentos e esboços de alguém nessa medida.

“Esse estudo mostra que Ellen White sabia o que estava utilizando e não utilizou material de modo negligente, apenas para encher uma página. Ela interagiu com o material, o que indica que não foi plagiadora.”³³

Alguns bravateiam que Ellen White escreveu muitos capítulos de seus livros, valendo-se do livro *Night Scenes in the Bible*, de Daniel March.³⁴ O livro *The Prophet and her Critics*, de Brand e McMahon, mostra que ela foi muito menos dependente de March, em *Profetas e Reis*, como alegam seus críticos.³⁵

Embora concordemos com Douglas Hackleman, no sentido de que os 2,6% da dívida literária, segundo a pesquisa de Cottrell e Specht sobre *O Desejado de Todas as Nações*, são um índice baixo, por causa de seu começo baseado apenas na obra de William Hanna, a afirmação de que 80% ou 90% dos escritos de Ellen White são copiados é exagerada.³⁶

O projeto Veltman, estabelecido para encontrar toda possível dependência literária, pesquisou mais que 500 obras e documentou apenas 31% de possíveis frases dependentes em muitos capítulos estudados. Descontando as citações bíblicas, 61% das frases nos capítulos de *O Desejado de Todas as Nações* se revelaram independentes.

Pesquisa feita por Jean Zucher cita oito exemplos de exatidão de Ellen White ao descrever os valdenses e albingenses, apesar da queixa de que ela simplesmente copiou informações de historiadores desinformados.³⁷ Albert Reville explica por que ela contradiz alguns historiadores:

“Nós estamos limitados a descrições dadas por adversários, alguns apóstatas e a depoimentos reunidos pelos tribunais da Inquisição. Alguns são depreciativos, outros suspeitos, de modo que precisamos estar despertos especialmente para a tendência desses juízes ou historiadores, igualmente tendenciosos para apresentar como dogmas prescritos ou crenças professadas pelos puritanos, muitas excentricidades ridículas ou repulsivas que são apenas consequências reais ou assumidas dos princípios admitidos por eles. Nada é mais enganoso que um método como esse.”³⁸

Argumento falho

Foi Walter Rea justo em sua reação à similaridade de *O Desejado de Todas as Nações* com outros escritos sobre a vida de Cristo? Alden Thompson revisou os conceitos de Rea e afirma o seguinte:

“Eruditos bíblicos observarão paralelos entre a reação de Rea às suas conclusões e à reação do século 19 ao estudo ‘crítico’ da Bíblia. Nesse século, a reação inicial à descoberta de que os escritores bíblicos utilizaram fontes foi violenta. Somente depois de muitas décadas tornou-se possível enfatizar o produto final como sendo mais importante que suas partículas.

“Como parte dessa preocupação com o produto final, eruditos bíblicos de hoje enfatizam a importância do que o autor adicionou e deletou (crítica de redação). Rea trai sua falta de atenção para com os modernos métodos de pesquisa, quando exclama em evidente descrença que os defensores de Ellen White estão achando significativo estudar ‘o que ela não incluiu quando copiou’.”³⁹

A inspiração não pode ser determinada simplesmente pela porcentagem de material utilizado ou não utilizado em um artigo ou livro. “A quantidade de utilização não é a questão mais importante... Um instrutivo paralelo é encontrado nos evangelhos. Mais de 90% do evangelho de Marcos são iguais por passagens de Mateus e Lucas. Mesmo assim, eruditos bíblicos modernos cada vez mais estão concluindo que, embora Mateus, Marcos

e Lucas usassem material comum, cada um deles foi um escritor distinto em seu direito. A alta crítica tem uma abordagem mais analítica do estudo de fontes literárias que o autor de *The White Lie*.

“Na infância do ‘crítico da fonte’, os escritores do evangelho foram tidos pelos altos críticos como pouco mais que plagiadores que ‘recortavam e colavam’. Agora, esses críticos compreendem que os estudos literários não estão completos até que se movam para além de catalogar passagens paralelas, ou seja, para a questão mais significativa de como o material utilizado foi empregado pelos autores, a fim de fazer sua própria declaração.”⁴⁰

“Se os autores inspirados da Escritura puderam tomar material emprestado, como pode essa prática ser argumento contrário à inspiração de Ellen White?”⁴¹ O comentário de Peterson é significativo:

“Plágio é um termo técnico estreito que simplesmente não se aplica ao caso da Sra. White... Todo erudito literário pode dizer que ‘os estudos das fontes’ estão entre as mais traiçoeiras tarefas, porque o mero estabelecimento de uma similaridade, mesmo uma forte similaridade, entre dois textos literários não é suficiente evidência de empréstimo. Também é possível demonstrar que 1) o texto B foi escrito depois da publicação do texto A (a fonte presumida); 2) que supostamente o autor do texto B pôde ter acesso ao texto A; e 3) que as idéias ou mesmo a linguagem do texto A não se tornaram suficientemente dispersadas, de modo a ser propriedade comum da época.”⁴²

Uma reivindicação legal de transgressão dos direitos autorais, contra a Sra. White, nunca poderia ter sucesso. Embora suas composições possam conter semelhanças com outros escritos do mesmo gênero, a evidência mostra que essa semelhança é sempre devida à mútua dependência da Escritura, que muitas das palavras e frases determinadas pelo original *Projeto de Pesquisa da Vida de Cristo* são paralelos literários de fontes que eram extensão do material literal ou pensamento em seus escritos iniciais,⁴³ e que a quantidade de material emprestado sem crédito não excede à que outros escritores tomaram emprestado.⁴⁴

Além disso, ela jamais foi ameaçada com algum processo, embora a acusação de plágio a tenha acompanhado durante toda sua vida. – *Continua.* ❧

Referências:

- 1 John Dart, *Los Angeles Times*, 23/10/1980.
- 2 Theodore Pappas, *Plagiarism and the Culture War; The writings of Martin Luther King Jr. and Other Proeminent Americans*, (Hallberg Pub., 1998), p. 28, 29.
- 3 *Ibidem*, p. 48.
- 4 Albert C. Outler, *John Wesley* (Oxford University Press, 1964), p. 85, 86.
- 5 William Charvat, *Profession of Authorship* (1968).
- 6 Mary Noel, *Villains Galore ... The Hey-day of the Popular Story Weekly* (Macmillan, 1954), p. 6.
- 7 David Carpenter, “Hoovering to Byzantium”, <http://www.dccarpenter.com/hooovering.htm>
- 8 Ellen Weinauer, *American Literature* 69, n° 4 (1997), p. 700, 712.
- 9 Theodore Pappas, *Op. Cit.*, p. 49.
- 10 Agnes R. Lockwood Pratt, *New York Times*, 30/09/1899.
- 11 Mary Moss, *idem*, 06/01/1906.
- 12 Brian Martin, “Plagiarism: A Mispread Emphasis”, www.uow.edu.au/arts/sts/bmartin/pubs/94jie.html
- 13 Neal St. Anthony, *Minneapolis Star and Tribune*, 28/01/2005.
- 14 Robert K. Melver and Marie Carroll, *Journal of Biblical Literature* 121, n° 4 (2002), p. 680.
- 15 David Thelen, *The Journal of American History*, junho 1991, p. 16.
- 16 Martin Luther King Jr., *idem*, p. 23-40.
- 17 Theodore Pappas, *Chronicle of Higher Education*, novembro 1992, p. 89-92.
- 18 *Idem*, janeiro 1991.
- 19 Keith D. Miller, *College English* 48, n° 3 (março 1986), p. 249-265.
- 20 *New York Daily Times* (1851-1857), 23/08/1854, p. 2.
- 21 *New York Times*, 05/08/1905.
- 22 *Idem*, 24/11/1906, p. 11.
- 23 *Idem*, 01/04/1899.
- 24 *Idem*, 12/04/1896.
- 25 A. W. Harrington, “Letter to the editor”, *New York Times*, 20/10/1900.
- 26 “Plagiarism”, *New York Times*, 05/01/1901.
- 27 Sarah Jeanette Burke, “Letter to the editor”, *New York Times*, 20/10/1900.
- 28 Richard L. Marsh, Joshua D. Landau, e Jason L. Hicks, *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*, 23/04/1997, p. 887.
- 29 Alan S. Brown and Hildy E. Halliday, *American Journal of Psychology* 104/4, 1991, p. 475.
- 30 *Ibidem*, p. 476.
- 31 Ron Graybill, Warren H. Johns and Tim Pirier, “Henry Melvill and Ellen G. White: A Study of Literary and Theological Relationships” (Ellen G. White Estate, maio 1982), p. 3.
- 32 David Neif, “Ellen G. White and Literary Ineptness to Calvin Stowe”, 1979, p. 22.
- 33 Denis Fortin, <http://www.andrews.edu/~fortind/EGWhite-conybeare.htm>
- 34 http://dedication.www3.50megs.com/David/DA_18_march.html
- 35 Walter Rea, “The Paraphrasing Prophet”, <http://www.ellenwhite.org/egw89.htm>, novembro 2005.
- 36 Ver www.ellenwhite.org/myth1.htm e [WhiteInspire.htm](http://www.ellenwhite.org/WhiteInspire.htm)
- 37 Jean Zucher, *Spectrum* 16/3, agosto 1985, p. 21-31.
- 38 Deodet Roche, *Le Catharisme*, 1973, v. 1.
- 39 Alden Thompson, *Spectrum* 12/4, junho 1982, p. 70.
- 40 *Ministry*, agosto 1982, p. 2.
- 41 George Rice, *Spectrum* 16/1, abril 1985, p. 56-60.
- 42 William S. Peterson, *Spectrum* 3/4, Autumn 1971, p. 78.
- 43 <http://www.whiteestate.org/issues/parallel.html>
- 44 Alexander Lindey, *Plagiarism and Originality* (Harper & Brothers, 1952), p. 6.

Chamado para ser administrador



Randy Robinson

Tesoureiro da União Sul dos Estados Unidos

“Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados”

O conceito de chamado normalmente está ligado ao trabalho pastoral. Como Ken Crawford argumentou em seu artigo “A mais alta vocação” (*Ministério*, set./out, 2007), o trabalho pastoral é realmente uma elevada vocação. Os profetas bíblicos concebiam seu trabalho como um chamado de Deus. Suas mensagens freqüentemente iniciavam com a frase: “Veio a mim a palavra do Senhor”. Durante toda a história da igreja, pastores, evangelistas e missionários consideraram sua obra não um trabalho secular, mas um chamado especial para cumprir uma missão divina.

Sem discordar desse pensamento, meus dez anos de experiência como servidor da igreja me levam a concluir que Deus também chama pessoas para o ministério da administração. Ele pôs esse chamado em meu coração.

Depois de concluir o bacharelado em Administração de Empresas, em 1983, sem planos de trabalhar para a Igreja, aceitei um emprego temporário na União Nevada-Utah, imaginando que logo conseguiria outro trabalho efetivo. Quando terminaram os dois anos dessa temporalidade, fui convidado a continuar como contador. Não tendo para onde ir, naquela ocasião, aceitei o convite. Passados mais dois anos, me tornei tesoureiro-assistente, e antes que eu percebesse, passaram-se dez anos.

Durante a última porção daqueles dez anos, eu era infeliz, entediado, intolerante e, em muitas ocasiões, insubordinado. Abertamente, procurava emprego em outros lugares e, certo dia, me foi oferecido trabalho em um hospital. Pensei em aceitar, mas decidi não fazê-lo pela única razão de que o salário seria o mesmo que eu já recebia na igreja, e eu não queria fazer apenas uma mudança financeira “lateral”.

Fundamental em minha vida, essa decisão determinou onde eu acabaria. Acredito que somente pela providência de Deus trabalhando em minha mente e através de um paciente administrador, agora me encontro feliz, servindo à Igreja como tesoureiro de União, obedecendo ao chamado divino. Meu Pai celestial usou pessoas e circunstâncias por quase uma década para me levar à compreensão de que Seu lugar para mim é a administração da Igreja. Através dos anos nessa função, muitas experiências me têm dado oportunidade para crescimento cristão e benefício daqueles aos quais sirvo.

Reconhecendo limitações

Na ocasião em que fui despertado para o chamado de Deus, compreendi, no íntimo de meu ser, que eu estava onde Deus queria que eu estivesse. Porém, ao mesmo tempo, entendi que devia confiar inteiramente nEle. Se havia um trabalho que me levava a permanecer em oração, esse era o de administrador da Igreja. Logo compreendi que as decisões a serem tomadas e a grandeza da responsabilidade eram muito maiores que minha capacidade. A admoestação bíblica: “Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor” (Zc 4:6) tornou-se minha companheira de todas as horas. A realidade de que afeto vidas com as decisões tomadas e como os recursos são utilizados ou não, baseados em minha opinião, tem se tornado uma responsabilidade estonteante. Não posso nem pensar em administrar, sem contato diário com Deus.

Às vezes, decisões difíceis têm que ser tomadas e muito tempo é empregado na discussão com as partes envolvidas. Então, numa comissão composta de pessoas qualificadas, muitas das quais não são empregadas da Igreja, chegamos à decisão final. Algumas pessoas podem discordar do resultado e fazer acusações de mau gerenciamento ou inépcia. Porém, devemos permanecer no entendimento de que foi seguido um bom processo, incluindo súplicas a Deus por sabedoria e discernimento, enquanto o assunto era discutido. Nessas ocasiões em particular, sinto minha necessidade da presença de Deus mais intensamente.

Há mais uma tentação: a de tomar decisões unicamente baseado na experiência ou habilidade inata. Compreendi que esse terreno é extremamente perigoso. Não é que não devamos reconhecer os talentos que o Senhor nos deu nem usá-los, mas a tentativa de fazer as coisas sem espírito submisso leva a uma atitude de auto-importância e desejo por *status*. Sou lembrado de que Lúcifer sucumbiu à sedução do *status* e importância pessoal, originando dessa forma o pecado. Portanto, devo saber que estou em submissão constante a Deus e à Sua vontade.

Oportunidade para servir

Sou graduado em Administração, não fui treinado para pregar. Contudo, tenho o privilégio de fazer esse trabalho. Embora não seja desafiado com a tarefa de preparar um sermão toda semana, tenho oportunidade de cavar profundamente na Palavra de Deus, ao preparar sermões. Esse processo enriquece minha experiência espiritual e vai além da devoção diária.

Além da riqueza para minha alma, ele possibilita meios para conservar as igrejas unidas ao corpo mais extenso de crentes. Minha presença no sábado em alguma igreja representa um elo entre a instituição e a congregação em que me encontro. Além disso, é uma experiência maravilhosa adorar com os irmãos e mantê-los informados sobre os acontecimentos em nosso território.

Gasto muito tempo em reuniões. Algumas têm que ver com assuntos internos da organização. Mas, com frequência, sou chamado a participar de uma comissão de igreja ou escola. Nesses casos, o assunto pode ser uma situação financeira difícil que tem bloque-

ado o andamento das atividades locais. Posso colaborar, oferecendo soluções aplicadas por outras igrejas ou escolas que enfrentaram o mesmo desafio. Também posso redirecionar recursos que a Associação tenha disponíveis.

Algumas vezes, questões políticas ou legais requerem uma resposta de minha parte. Posso, desse modo, ajudar a igreja local, ou escola em necessidade.

Representação organizacional

Veze sem conta tenho oportunidade de ser rosto, mãos e pés da Igreja institucional. Todo administrador sabe que muitos vêm a instituição como uma entidade sem rosto, distante, talvez desnecessária. Mas, considero privilégio colocar um rosto nessa instituição. Algumas vezes, encontro indivíduos que se sentiram magoados pela Igreja no passado. Posso ouvi-los e, em nome dela, explicar o que aconteceu. Alguns têm chorado, argumentando que a dor deles nunca foi reconhecida.

Tenho muitas oportunidades de me reunir com diferentes grupos, como jovens, tesoureiros locais, oficiais de Escola Sabatina e outros. É reanimador ouvir as observações e partilhar perspectivas e encorajamento. Lembro-me de uma reunião campal, alguns anos atrás, em que tive a chance de falar aos jovens sobre a organização da Igreja. Quando falei que as igrejas recebiam recursos para evangelismo, perguntei-me porque não fazia a mesma coisa em relação aos jovens. Assim, os desafiei a encontrar maneiras de partilhar Jesus em sua comunidade, garantindo-lhes apoio financeiro aos projetos que fossem apresentados.

Captando a visão

Nos últimos meses, meus colegas de administração e eu temos empreendido uma jornada, perguntando o que Deus quer de nós e de Sua Igreja. Essa busca nos tem levado ao livro de Atos. Como você deve se lembrar, os primeiros capítulos desse livro contam o desenvolvimento da igreja primitiva. Com o derramamento do Espírito Santo, os primeiros crentes partilharam, sem temor, o evangelho de Jesus. Milhares de pessoas aceitaram a mensagem.

O que permitiu o Espírito mover-Se de tal maneira? Fizemo-nos essa pergunta e concluímos que os primeiros crentes estavam impregnados da Grande Comissão. Deus nos chama a partilhar

o evangelho com outros. Jesus ordenou: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28:19, 20).


Durante nosso estudo, o pastor Don Livesay, presidente da União, cunhou a expressão “cultura de comissão”, isto é, o estágio em que nós estamos tão imersos no chamado de Deus que esse chamado se torna parte de nós, parte do que somos, temos e de como vivemos; parte de nossa cultura individual.

Como administradores, devemos partilhar idéias com nossos colegas. Devemos captar a visão, antes de todos os demais servidores. Creio que parte do meu chamado, como administrador da Igreja, envolve captar uma visão e vivê-la, enquanto o Espírito opera na vida daqueles que abraçam essa visão.

Apoio ao pastorado

Gosto da forma como Paulo descreve o corpo de Cristo em Romanos 12. É um precioso conceito – somos um corpo com muitas partes, cada uma operando junto em prol do objetivo comum. Ele diz: “Tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada” (Rm 12:6). Então, relaciona profecia, serviço, ensino, encorajamento, liberalidade, entre outros dons. Presto atenção ao dom de liderança. Paulo diz que se você reconhece seu dom, como líder, governe “com diligência” (v. 8).

Em 1993, depois de trabalhar para a Igreja por quase dez anos, meu chamado para a administração tornou-se bem claro. Meu desejo é apoiar a Causa de Deus até a volta de Cristo. Ele me chamou para liderar diligentemente, como administrador que tem a responsabilidade de gerir as finanças da Igreja em meu território. Chamou-me para servir aos companheiros de trabalho, às igrejas e às escolas, com o melhor das minhas habilidades.

Creio na premissa de que o chamado pastoral é o mais elevado e melhor. Mas, também creio que Deus chama homens e mulheres para administrar Sua Igreja. Fazendo minhas as palavras de Paulo, esta é minha oração por você, independentemente da vocação que Deus colocou em seu coração. “Rogovos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados” (Ef 4:1). 

Tempo de recomeçar



Oder F. Mello

Pastor jubilado,
reside em Engenheiro
Coelho, SP

Com a aposentadoria, o pastor apenas troca o ativo direto pelo ativo indireto

O termo jubilação, referente à condição de uma pessoa que foi agraciada com a aposentadoria, no passado, era aplicado principalmente a professores que, cumprido seu tempo de trabalho, retiravam-se e continuavam recebendo salário. Jubilação carrega a idéia de contentamento, júbilo. Por sua vez, aposentadoria deriva de aposento, lugar para morar, razão pela qual, às vezes, a expressão parece envolvida por certa nostalgia. Embora essa condição seja uma espécie de prêmio justo e devido, em função de longo período de trabalho, o servidor vocacionado precisa estar preparado para o momento da jubilação. Caso contrário, poderá sucumbir à tristeza, alimentando sentimentos depressivos. Essa é uma fase que precisa ser vivida com alegria.

Em nosso ambiente eclesialístico, quando um jovem servidor inicia sua carreira, faz isso com vívida satisfação. Sente o privilégio de ser peça importante em um movimento cuja missão é a evangelização do mundo inteiro, com seus desafios geográficos, políticos e socioculturais. E executa seu trabalho com dedicação, fé e alegria, pouco se importando com a irreversível sucessão de dias e noites, até se deparar com a chegada do tempo de jubilação, que lhe impõe a necessidade de transferir seu trabalho para outra pessoa.

Para muitos indivíduos, essa é uma experiência dolorosa, por não se haverem preparado para tal ocasião. Se o tivessem feito, a jubilação lhes causaria nada menos que uma saudável sensação de liberdade e renovação de idéias, pois ela traz apenas uma mudança de *status* que não significa o fim do ministério. Deixa-se o ativo direto, para o ativo indireto. E o horizonte se amplia. Como Abraão, aos 75 anos, deixou sua limitada Ur em direção à Canaã, o pastor jubilado contempla as estrelas como seu limite. Semelhante a Moisés, aos 80 anos, troca Midiã pela amplidão descortinada do alto do Nebo.

O amor à Causa de Deus jamais se apaga; e o Senhor dessa Causa mostrará aos Seus fiéis servos como podem continuar engajados em alguma atividade, sempre de mãos dadas com os servidores de tempo integral, aos demais membros e missionários voluntários da igreja.

Em seu livro *Celebrando a Vida Depois dos 50*, Roger C. Palms narra a história de dezenas de pastores, médicos, professores e administradores que, depois de jubilados, fo-

ram convidados a prestar serviços a igrejas e instituições cristãs através do mundo. Ainda hoje contribuem para o desenvolvimento missionário, com seus talentos e experiência, colhendo resultados notáveis.

Com muita oração, me preparei para a jubilação, depois de aproximadamente quatro décadas de trabalho. Reorganizei a mente, escolhi o lugar para morar (não muito distante dos filhos, amigos e conhecidos), levando em conta a possibilidade de continuar ajudando à igreja. Seis meses antes, para que a administração do Campo pudesse planejar minha substituição, enviei à Comissão Administrativa a seguinte carta:


“Senhor presidente:

“Com profunda emoção e imensa gratidão a Deus, dirijo-me a esta respeitável Comissão para pedir minha mudança de *status* – de pastor da ativa para pastor jubilado, a partir de 31 de dezembro deste ano, em virtude de completar-se meu tempo de trabalho (por idade).

“Espero continuar alvo da mercê divina e dos administradores deste Campo, recebendo credencial de Ministro Ordenado, pois é meu propósito continuar servindo a Deus e à Sua Igreja, onde a Providência o indicar, naturalmente, reservadas as limitações que os anos impõem.

“Eu e minha família somos imensamente gratos a Deus e à Sua Igreja pelo privilégio da educação adventista, bem como do trabalho confiado nos estados de Rio Grande do Sul, Goiás, Tocantins e São Paulo. Somente na Associação Paulista Central foram 16 maravilhosos anos. Agradeço o amor e a bondade de todos, a manutenção que nos proporcionou conforto e segurança, a disposição de colegas em suprir ausência durante as férias, o salutar convívio durante os concílios pastorais.

“Daqui para frente, espero em Deus e no poder do Espírito Santo continuar fazendo o melhor por Aquele que, deixando a glória do Céu Se fez servo, para nos salvar – Jesus Cristo. Quando tudo terminar e o Senhor Jesus retornar em glória para nos buscar, quero cair a Seus pés e dizer: ‘Amado Criador, fiz o melhor que pude.’”

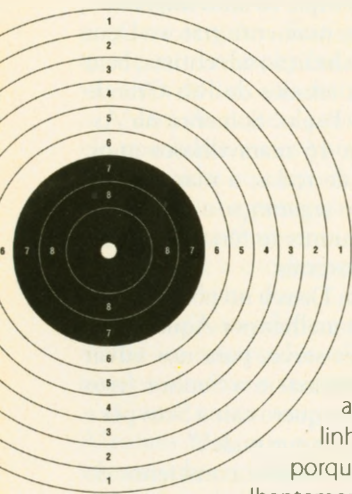
Querido colega pastor, esteja sempre consciente do elevado e sublime privilégio de servir ao Senhor. Ao chegar o tempo de jubilação, receba-o jubiloso. Retire-se feliz e continue com o mesmo entusiasmo de sempre. Lembre-se: sua vocação é vitalícia. 



Proteja sua família

“Em que medida o pastor deve envolver seu relacionamento familiar com sua mensagem? O púlpito não é lugar para relatar histórias sobre o casamento de alguém, disciplina dos filhos, ou chicotear um membro da família. O direito à privacidade da família deve ser respeitado, tanto quanto o de qualquer membro da congregação. Costumo dizer aos meus alunos de Homilética que eles jamais devem mencionar um membro da família sem que este saiba exatamente o que será dito e dê permissão.

“Porém, não é a vida da família do pastor parte substancial do seu testemunho e ministério? De fato é assim; mas é justamente por isso que devemos respeitar os limites de nosso relacionamento familiar. Se seus familiares não forem mais importantes que sua igreja; se sua dignidade e privacidade não forem mais importantes para você, do que uma ilustração do sermão, então, você está invertendo suas prioridades e comprometendo seu testemunho.” – Ronald Sisk, *Preaching Ethically*, Alban Institute.



Mirando o alvo

“Tenho um amigo que é corredor inveterado. Daqueles que correm até mais de vinte quilômetros diários, participa de maratonas e tem como obsessão quebrar os próprios recordes. Certo dia, lhe perguntei o que ele achava mais compensador na corrida. “A linha de chegada”, foi a resposta. Ele corre porque tem um propósito em vista. Semelhantemente, se jamais perdermos de vista o objetivo de nosso pastorado, estaremos sempre motivados a melhorar nosso desempenho.” – Charles Swindoll

Não erre aqui

Alguns famosos pregadores da História enfrentaram problemas com a conclusão de suas mensagens. Muitos deles nunca se preocuparam em levar o povo a tomar decisões. Na verdade, simplesmente chegaram ao fim do sermão e nada mais. Pastores falham nessa área mais que em qualquer outra parte da mensagem. Um sermão sem boa conclusão é uma mensagem sem propósito. Somente a partir de grandes conclusões do sermão acontece a mudança de vida.

Para tornar mais efetiva a conclusão de sua mensagem, considere estes pontos:

- ♦ Aponte para Cristo. Dê oportunidade para que Ele seja aceito, e espere uma resposta.
- ♦ Termine com intensidade emocional. Trabalhe com a mente e o coração. Tendo informado às mentes, toque as emoções e desafie a vontade. A conclusão deve ser o ponto alto emocional do sermão.
- ♦ Peça resposta específica. Nenhuma coisa é dinâmica até que se torne específica. O alvo do sermão deve ser assaltar a cidadela da vontade e capturá-la para Cristo.
- ♦ Personalize seu apelo. Cada ouvinte deve sentir que você está falando somente para ele. – Rick Warren

Fé acima das circunstâncias

Everett Alvarez Júnior foi o primeiro piloto americano alvejado no Vietnã do Norte, em 05/08/64. Ficou oito anos e meio como prisioneiro de guerra, foi espancado e torturado. No primeiro desses oito anos e meio, ele foi posto em confinamento solitário.

Seu momento mais difícil aconteceu depois de sete anos na prisão. No Natal de 1971, seus captores lhe entregaram uma carta na qual sua mãe informava que sua esposa o abandonara.

Porém, ao ser posto em liberdade em fevereiro de 1973, Alvarez estava determinado a superar tudo. Casou-se novamente, graduou-se em Direito e ocupou funções de destaque no governo de Ronald Reagan. Em 1988, ele se tornou executivo de uma grande empresa com mais de 200 empregados e um movimento anual superior a 15 milhões de dólares.

Ao ser entrevistado, ele disse: “A parte mais difícil eu passei sozinho. Porém, me acostumei a falar com Deus e compreendi que realmente não estava só.” A fé cristã não nega a existência de problemas e desafios na vida, não nos leva a fugir da realidade, mas compreende que além das realidades do mundo, existe uma realidade maior: Deus. – www.rickezell.net



“Não há substituto para o claro senso de chamado no ministério.

Se você é pastor e não tem um inquestionável e claro senso do chamado de Deus, embora nem sempre possa explicar isso, então você deve fazer outra coisa imediatamente. Do contrário, o prejuízo que pode causar às pessoas e congregações, à sua família e ao reino é indescritível. Haverá momentos em que a única coisa a sustentar suas mãos no arado será a convicção do chamado.”

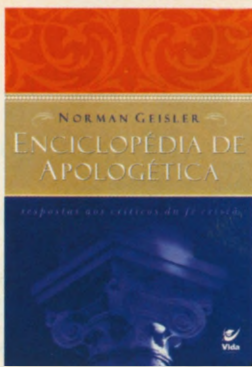
Mac Brunson

Para pensar

“Deus tem usado muitas igrejas difíceis na trajetória de alguns pastores, para ensiná-los como ser crucificado com Cristo e permanecer algum tempo na cruz, como Ele o fez.”

Anônimo





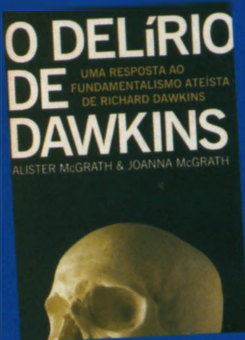
ENCICLOPÉDIA DE APOLOGÉTICA

Norman Geisler, Editora Vida, São Paulo SP; 932 páginas, www.vidaacademica.net

Desde o início de sua história, o cristianismo se vê forçado a dar respostas adequadas aos críticos, tanto no que diz respeito à fé quanto no que tange às aparentes contradições das Escrituras. Tantas foram as indagações, personagens e concepções, que se fez necessária uma obra que, além de abrangente, as expusesse de maneira ordenada. Este livro atende as expectativas. Foi elaborado com a finalidade de equipá-lo para a defesa de sua fé cristã e da Palavra de Deus.

O DELÍRIO DE DAWKINS

Alister McGrath e Joana McGrath, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP: fone (11) 5668-1700, 402 páginas; www.mundocristao.com.br



Neste livro, os autores pulverizam as conclusões do livro *Deus, o Delírio*, de Richard Dawkins, e desmontam o argumento da infalibilidade das leis do ateísmo, trazendo à tona questões fundamentais dos tempos pós-modernos, tais como: fé, coexistência de religião e ciência, liberdade de crenças, sentido de valor e significado. Essas questões requerem uma resposta contundente do pensamento cristão.

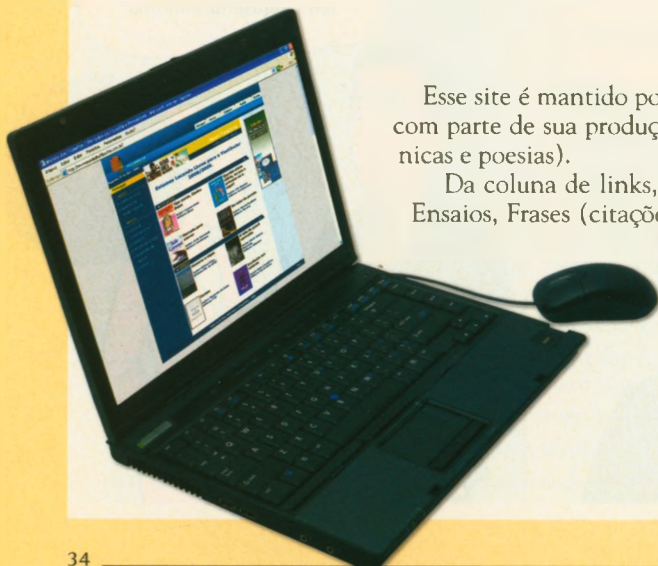
12 MANEIRAS DE ESTUDAR A BÍBLIA SOZINHO

Rick Warren, Editora Vida, São Paulo, SP; telefax (11) 6090-0814, www.editoravida.com.br



O estudo da Bíblia é hábito indispensável a todo cristão e, especialmente, líder. Porém, muitos simplesmente não sabem por onde começar, ou que método deve ser utilizado, para cavar o terreno da Bíblia Sagrada com profundidade. Traduzido para sete idiomas, este *best-seller* tem servido como guia prático de estudo das Escrituras para milhares de pessoas, pequenos grupos e classes de seminários.

VEJA NA INTERNET www.prazerdeler.com.br



Esse site é mantido por um grande pregador batista, escritor e professor de teologia, com parte de sua produção literária, a qual é bastante variada (sermões, ensaios, crônicas e poesias).

Da coluna de links, que fica à esquerda da tela, destacam-se pelo seu conteúdo: Ensaio, Frases (citações), Poemas, Recursos, Sermões (textos), Sermões Temáticos e Textos Breves. Muitos desses textos ou idéias podem ter bom uso homilético. – *Márcio Dias Guarda*



Ranieri Sales

Secretário ministerial
associado da Divisão
Sul-Americana

No Senhor me refugio

“Como dizeis, pois, à minha alma: Foge, como pássaro, para o teu monte?” (Sl 11:1b)

O Salmo 11 foi escrito em um período muito difícil da vida de Davi. Saul andava ferozmente à procura dele, com o intuito de lhe tirar a vida. Insegurança e injustiça eram a recompensa por sua lealdade e sinceridade. Observando o sofrimento e o risco que estava correndo, seus amigos o aconselharam a resolver o problema à sua maneira: “Foge, como pássaro, para teu monte”.

Essa passagem bíblica é mais uma indicação de que existem dois modos de encarar os problemas e as crises que nos alcançam: o primeiro deles está focalizado na busca de soluções humanas. O outro está centralizado na confiança em Deus. As palavras “foge... para teu monte” indicam a maneira humana de solucionar problemas. Esta é nossa tendência natural: reagir à nossa maneira.

Se alguém trai minha confiança, meu primeiro impulso é lhe dar o troco. Se me sinto injustiçado, exijo a devida recompensa.

No ministério pastoral, não são raras as situações em que somos tentados a fugir para nosso próprio monte, ou seja, a querer resolver as coisas do nosso modo, em vez de fazê-lo à maneira de Deus. Imagine-se, por exemplo, enfrentando uma destas situações:

- ◆ Alguém o está acusando falsamente.
- ◆ Um membro rebelde de sua igreja o afronta e desrespeita diante de outras pessoas.
- ◆ Seus líderes na organização não reconhecem seu potencial e não lhe dão oportunidades de crescimento.
- ◆ Você foi transferido para um lugar, ou função, que não considera compatível com sua experiência nem com as necessidades de sua família.
- ◆ Você não foi eleito (ou reeleito) para ocupar o cargo para o qual se preparou tanto e se sente apto a desempenhar.

Diante de situações como essas, é muito comum escutarmos o conselho dos amigos de Davi: “Foge como um pássaro para o teu monte”. A idéia implícita é: você

está passando por isso porque Deus não está cuidando bem de você. Então, resolva à sua maneira.

Mas Davi nos mostra qual é atitude correta: “No Senhor me refugio” (verso 1a). Esse é o elemento surpreendente da fé. Quando a reação natural seria insatisfação, queixa, retaliação, resposta à altura e reivindicação dos direitos, a Palavra de Deus nos convida a simplesmente nos refugiarmos no Senhor.

Lembre-se, Deus está no comando de sua vida. O mesmo Davi apresenta as razões pelas quais ele preferia refugiar-se no Senhor a fugir para seu próprio monte:

◆ “O Senhor está no Seu santo templo” (v 4a). Ele permanece no controle de todas as coisas. Ele é o Deus do Universo e não abre mão de Sua soberania.

◆ “Os Seus olhos estão atentos, as Suas pálpebras sondam os filhos dos homens” (v 4b). Nada existe que passe despercebido aos Seus olhos. Mesmo incidentes mais furtivos da vida estão sob o olhar atento e amorável do nosso Pai celestial. Ele me conhece e sabe tudo o que está acontecendo comigo. Nada Lhe escapa à observação.

Portanto, amigo, permita que Deus assuma o controle das situações difíceis que estão diante de você. Torne suas as palavras de Davi:

No Senhor me refugio. Como dizeis, pois, à minha alma: foge, como pássaro, para o teu monte?

Porque eis aí os ímpios, armam o arco, dispõem a sua flecha na corda, para, às ocultas, dispararem contra os retos de coração.

Ora, destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?

O Senhor está no Seu santo templo; nos céus tem o Senhor Seu trono; os Seus olhos estão atentos, as suas pálpebras sondam os filhos dos homens.

O Senhor põe à prova ao justo e ao ímpio; mas, ao que ama a violência, a Sua alma o abomina.

Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice.

Porque o Senhor é justo, Ele ama a justiça; os retos Lhe contemplarão a face. (Salmo 11). ❖

*Deus está no comando da vida.
Ele é o Deus do Universo.
Nada passa despercebido aos Seus olhos.*



viva com
esperança

**Jesus
breve voltará**

Um só exército

Uma só missão

Uma só esperança

Um só dia

Distribuição de 20 milhões de revistas

Aplicação de um milhão de adesivos

Colocação de 10 mil outdoors nas principais cidades da América do Sul

Divulgação do portal missionário na Internet

Faça parte deste Impacto!

**Impacto Esperança
6 de setembro**